



R E V I S T A
D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”



*DR. GERHARD H.
VISSCHER*

**COMEÇANDO
BEM NO
MINISTÉRIO**

*JIM
WITTEVEEN*

**O CONSELHO
DA IGREJA
E O APOIO
FINANCEIRO
AO MINISTRO
DA PALAVRA**

*JAMES
VISSCHER*

**COMO OS
PASTORES
PODEM LIDAR
COM A CRÍTICA**

*DR. NIEK H.
GOOTJES*

**A PREGAÇÃO
CATEQUÉTICA
PARTE 2**

E X P E D I E N T E

EDITORES Adriano Gama
Elienai B. Batista

REVISÃO Ester Conceição dos Santos
Arielle de Eça

TRADUÇÃO Morgana Mendonça dos Santos

PROJETO Thiago A. Nunes
GRÁFICO

EDITORIAÇÃO Thiago A. Nunes

WEBSITE Israel F. B. Batista

FALE contato@revistadiakonia.org
CONOSCO

A revista Diakonia é uma publicação mensal do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

O Instituto João Calvino está localizado na Rua José Veríssimo no. 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE.
CEP: 54789-080. joaocalvino.org

Copyright © 2018 Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

S U M Á R I O

ADRIANO
GAMA



EDITORIAL

04

DR.
GERHARD H.
VISSCHER



COMEÇANDO
BEM NO
MINISTÉRIO

07

JIM
WITTEVEEN



O CONSELHO DA IGREJA E
O APOIO FINANCEIRO DO
MINISTRO DA PALAVRA

17

JAMES
VISSCHER



COMO OS PASTORES PODEM
LIDAR COM AS CRÍTICAS

21

DR.
NIEK H.
GOOTJES



A PREGAÇÃO DO CATECISMO
[PARTE II]

33

EDITORIAL

Adriano Gama

Os ministros da Palavra são dons de Cristo para a igreja dEle (Ef 4.11,12). Eles são os pastores encarregados de cuidar das ovelhas do Supremo Pastor, Jesus Cristo. Os seus deveres pastorais são executados mediante a pregação da Palavra, a administração dos Sacramentos e as orações e intercessões. Desse modo, usando homens ordenados, o Bom Pastor, protege e dirige Seu rebanho na terra.

Os pastores cuidam da Igreja de Jesus. Mas, quais cuidados a igreja deve ter com eles, e, eles, consigo mesmos? Essa atual edição da Revista Diakonia apresenta os cuidados que, tanto a igreja como os ministros, devem ter para que o ministério da Palavra seja eficiente em nossas igrejas e fora delas.

O Dr. Gerhard Visscher nos conduz na reflexão sobre *“como podemos ser igreja de forma mais efetiva, ao assegurar que tanto os homens que estão começando quanto os que já atuam no ministério possam fazer seu trabalho de forma mais eficaz”*. O Dr. G. Visscher faz boas perguntas, por exemplo: Qual a natureza e propósito do ministério pastoral? Quem são os ministros da Palavra? Quais as áreas legítimas que eles devem priorizar e atuar na igreja conforme Atos 6.4? O que os conselhos devem avaliar sobre como o ministério da Palavra está sendo ameaçado e prejudicado porque o ministro está ocupado demais com coisas que

outros podem fazer (assim como em Atos 6)? Quais são as virtudes mais importantes nos ministros? Essas e outras perguntas nos são respondidas e aprofundadas nos cinco conselhos dados pelo experiente servo de Deus, Dr. G. Visscher. Podemos dizer que esse artigo nos ensina os cuidados que devemos ter para que os ministros possam trabalhar de modo eficaz no ministério que a eles foi confiado.

O sustento financeiro de ministros nunca foi assunto fácil dentro da igreja. O nosso irmão João Calvino, comentando Gálatas 6.6, disse: *“...Se a Palavra for verdadeiramente estimada, os seus ministros sempre receberão tratamento amável e honroso. (...) Os ministros do evangelho devem viver contentes com uma mesa frugal, evitando o perigo da pompa e do luxo. Até onde as necessidades deles o exigem, os crentes devem consagrar com alegria parte de sua prosperidade ao serviço de mestres piedosos e santos”*¹. O grande reformador comunica a seguinte verdade de Deus: dar aos ministros um *“tratamento amável e honroso, ... sem pompa e luxo”* é obedecer a Palavra.

Não devemos constranger e estressar os nossos ministros a terem que nos lembrar desse nosso dever de obediência. O artigo do Pastor Jim ajuda os presbíteros a pensar e tratar a seguinte questão: *“Como é que o conselho da igreja deve assegurar que o ministro do*

Evangelho seja adequadamente apoiado no seu trabalho?” O assunto “*sustento e apoio financeiro*” para pastores não é fácil para ninguém. Mas, de modo positivo e com palavras menos pesadas que as de Calvino, o Pastor Jim Witteveen traz a seriedade desse tema e dá sugestões que tornam menos difícil o tratamento desse assunto tão incômodo para ministros fiéis e complicado para muitos conselhos. Se o entendimento dos conselhos é de que suas igrejas precisam de “*pastores fiéis que possam focar no seu trabalho sem preocupação*”, então, esse artigo nos ajuda a tomarmos o cuidado de oferecer aos nossos ministros o apoio financeiro suficiente para que eles possam realizar suas tarefas sem preocupações financeiras.

Não custa lembrar que só há um Pastor perfeito, este é o Senhor Jesus. Parafraseando a relação senhor-servo, mestre-discípulo, nenhum pastor-subalterno é maior que Seu Supremo Pastor. Se criticaram o Supremo, Perfeito e Bom Pastor, não criticarão os subalternos e imperfeitos ministros? O terceiro artigo, do Dr. James Visscher, ministro emérito, vem para aconselhar os ministros sobre como eles podem lidar com críticas vindas de membros, de oficiais e de colegas de ofícios. As críticas podem ser bênção ou maldição na vida de um ministro. Para elas não serem maldições, os ministros devem saber lidar emocional e bíblicamente com os críticos e suas críticas. O Dr. J. Visscher de modo muito prático, sincero e bíblico compartilha conosco suas experiências e os princípios da Palavra que ajudam os ministros a serem mais sábios e fortes no tratamento de críticas danosas, legítimas e edificantes. Assim, nesse artigo os ministros são instruídos sobre como se cuidarem para

que os críticos e críticas não sejam motivos de desânimo, tristezas arrasadoras e até de abandono do ministério.

O último texto de nossa revista é a segunda parte do artigo do Dr. Nicolaas Gootjes, *A Pregação Catequética*. Na primeira parte o Dr. Gootjes mostrou que a história nos ensina que o tipo de pregação catequética “*é mais antigo do que a Reforma e que foi bastante difundido nas igrejas Reformadas. A pregação catequética não é uma excentricidade*”.

Na segunda parte, o Dr. Gootjes nos apresenta “*a questão mais importante*”. Diz ele: “*... se a pregação do catecismo pode justificar sua existência diante da Escritura*”. Sabemos que há muitas objeções feitas contra a pregação catequética. O Dr. Gootjes lidará com três importantes objeções. A mais importante e primeira objeção a ser tratada “*tem a ver com o fato de que os catecismos são documentos humanos*”. As duas outras duas objeções, partem da afirmação de que a pregação catequética não é viável por razões práticas: por não ter aplicação para os ouvintes e ser repetitiva. O Dr. Gootjes finaliza seu artigo com uma observação mais geral. Todo o estudo do Dr. Gootjes que agora está completo com essa segunda parte publicada na Revista Diakonia, é um material inédito em língua portuguesa e referencial no mundo teológico internacional. Este artigo ensina o quanto devemos ser cuidadosos em estimular nossos ministros a continuarem usando a pregação catequética como instrumento no cuidado pastoral das ovelhas que lhes foram confiadas. O artigo nos mostra que esta é uma prática histórica, reformada e bíblicamente fundamentada.

Entregamos esta nova edição da Revista Diakonia orando para que o Senhor Jesus a use para o bem de todos, especialmente, dos ministros da Palavra. Que esta edição sirva ao Supremo Pastor que cuida dos Seus pastores e do Seu rebanho a estes confiados.

Notas: 1 - Calvino, João. Série Comentários Bíblicos: Gálatas. São José dos Campos: FIEL, 2007. p. 163)

PR. ADRIANO GAMA é ministro da Palavra servindo na Igreja Reformada em Colombo - Paraná. Ele é um dos editores do site e da revista Diakonia.

COMEÇANDO BEM NO MINISTÉRIO

Dr. Gerhard H. Visscher

Começar bem no ministério – como fazemos isso? Meu propósito principal nesta noite é realmente ter uma última conversa com esses três rapazes que estão prestes a colar grau e adentrar o ministério. Entretanto, faço isso consciente de que você também está aqui e pode aprender uma ou duas coisas sobre o ministério a partir do que eu quero dizer a eles. Meu propósito secundário é realmente despertar algum tipo de discussão entre as igrejas locais sobre como podemos ser igreja de forma mais efetiva, ao assegurar que tanto os homens que estão começando quanto os que já atuam no ministério possam fazer seu trabalho de forma mais eficaz.

O que eu realmente quero fazer, em outras palavras, é responder à pergunta: como eu faria se estivesse fazendo tudo de novo? O que eu faria se fosse 1979 novamente para mim? Ou: se um professor tivesse me chamado para conversar quando eu era jovem, há trinta e quatro anos, o que eu desejaria que ele me dissesse? É o tipo de reflexão que um homem que entrou em sua sétima década de

vida se faz de vez em quando — apenas esta noite farei essas perguntas publicamente.

O ponto é que eu suspeito que a maioria dos rapazes não é particularmente intencional e reflexiva sobre o que está planejando fazer. Eles não estão pensando a longo prazo. Não existe um plano estratégico. É só: “Bem, há dois sermões para o próximo domingo, a reunião do conselho na segunda-feira, a catequese às terças-feiras — vamos ao que interessa”. Para muitos é assim que a vida segue durante 35 ou 40 anos.

Diretor Espiritual (CSO)

Permita-me, então, começar com alguma reflexão sobre a natureza e o propósito do ministério pastoral — como você realmente deveria se enxergar enquanto adentra o ministério? Parece-me que, apesar de todas as expectativas dos membros e dos oficiais, os pastores não devem se enxergar como administradores. Dirigir uma igreja implicará inevitavelmente em uma grande quantidade de

papelada à medida que os comitês e as assembleias eclesiais se esforçam para progredir, decisões são tomadas, o crescimento e o desenvolvimento ocorrem, e os orçamentos são discutidos. Mas, os ministros são chamados para um ofício que vai muito, muito além de processos burocráticos. Não deveríamos nos enxergar como Diretores Administrativos — nem mesmo Diretores Executivos (CEO's) — da igreja. Nós provavelmente não somos treinados ou dotados nessas áreas. Nem precisamos ser. Não somos, igualmente, os Diretores Acadêmicos, pois nossa tarefa também vai além de lecionar. Se queremos uma sigla para a nossa função, talvez deveria ser CSO (*Chief Spiritual Officer*) — Diretor Espiritual. Resumindo, sua tarefa como Ministro da Palavra é supervisionar e dirigir as vidas, orientações e propósitos espirituais do povo de Deus. Juntamente com os presbíteros e os diáconos, que fazem isso em tempo parcial, a sua vocação é estar atento a tudo aquilo que encoraja e tudo aquilo que desencoraja o povo de Deus com respeito a sua vida diante de um santo e gracioso Deus.

A palavra “espiritual”, no entanto, precisa de certo grau de comentário, pois é um termo um pouco vago e para o qual todos — mesmo aqueles em outras religiões — conferem um significado diferente. Eu acredito que Andreas Kostenberger nos oferece uma das melhores discussões sobre a natureza da “espiritualidade” em seu encantador livro *Excellence: the Character of God and the Pursuit of Scholarly Virtue*. Ele sugere que:

A espiritualidade, para os cristãos, é... fundada objetivamente no evangelho de Jesus Cristo e experimentada como realidade na presença

do Espírito Santo com eles, em vez de meramente se constituir em uma experiência mística subjetiva... O Novo Testamento não define espiritualidade em termos de isolamento ou introspecção, como se a espiritualidade de uma pessoa fosse medida pela quantidade de tempo dedicado à busca de uma experiência mística do divino. Os tempos de oração privada devem levar à obediência ativa e ao serviço no mundo. (p. 70)

Kostenberger distingue a *espiritualidade definitiva e posicional* da espiritualidade progressiva, sugerindo que os crentes são espirituais porque pertencem a Cristo e são habitados pelo Espírito, mas precisam, então, desenvolver essa espiritualidade *progressivamente* para que andem no Espírito e não o entristeçam nem o extingam. Então, “espiritual” não é apenas algo que você é durante seu tempo devocional de quinze ou trinta minutos, mas “o crescimento em espiritualidade se evidencia sob a forma de obediência ativa, amor, missão, e unidade e paz corporativas”. “Nós... progredimos na espiritualidade enquanto expressamos o amor pelos outros de maneira prática e concreta, tomamos nossas decisões do dia a dia em obediência aos mandamentos de Deus, nos envolvemos no cumprimento da missão de Deus no mundo, e promovemos a paz e a unidade dentro da igreja de Deus” (p. 74).

Kostenberger sugere, então, que os dois meios de graça que promovem e nutrem a vida espiritual do povo de Deus enfatizados na Escritura são: *a oração e o estudo da Palavra de Deus*. Paulo nos chama a orar sem cessar (1 Tessalonicenses 5.17). A Escritura está sempre dizendo ao povo de Deus que seja achado meditando nas Escrituras. “O isolamento e o silêncio se tornam disciplinas espirituais ape-

nas se promoverem tempo para oração e encontro com Deus nas Escrituras.” (p.76).

Então, rapazes, esse foi o primeiro conselho. Irmãos, saibam o que vocês são: os Diretores Espirituais da igreja de Deus!

Prioridade da Pregação

Se esta é sua tarefa, então, obviamente, você deve dar a maior prioridade possível à pregação da Palavra de Deus. Se não somos em primeiro lugar administradores, também não somos em primeiro lugar conselheiros e assistentes sociais. Nosso primeiro lugar é o de levar as pessoas ao louvor e adoração a Deus, por meio da oração e da pregação de sua Palavra. Trata-se da primazia da pregação. Haverá muitas situações de estresse e angústia competindo por atenção no coração do ministro da Palavra, mas semana após semana, em programação e planejamento, ele deve assegurar tempo e atenção adequados à preparação que a pregação exige. A hora de alimentar o povo de Deus é quando eles se juntam no “pasto” por meio daquilo que chamamos de culto; se falharmos nisso, as ovelhas se dispersarão buscando comida aqui, ali e em todos os lugares, e trazê-las de volta ao lugar a que pertencem custará muito mais esforço e tempo.

Isso significa que, assim como um bom gerente só está ocupado com as coisas que ninguém mais pode fazer em sua equipe, nós também repassamos todas as tarefas possíveis para os outros, para que possamos nos concentrar no que Deus exclusivamente nos chamou e treinou para fazer. E um bom Conselho deverá garantir que seu pastor possa fazer exatamente isso, e tentará encontrar

para ele qualquer funcionário voluntário ou assalariado para certificar-se de que ele esteja dedicado à sua única e desafiadora tarefa.

Fiquei intrigado com uma seção no livro *The Contemplative Pastor*, de Eugene Peterson,¹ em que Peterson está refletindo sobre como a vida de uma congregação que não tem um pastor ainda continua muito bem. Ele diz:

Uma congregação poderia ficar meses, às vezes mais de um ano ou dois, sem um pastor regular. E eu pensei: Todas essas coisas com as quais eu fico tão ocupado — elas não estão sendo realizadas nessa congregação sem pastor, e ninguém parece se importar. Perguntei-me, então: e se eu, mesmo sem ir embora, deixasse de fazê-las agora mesmo? Alguém se importaria? Eu deixei, e eles nem se importaram (pág. 34).

Em outras palavras, eu realmente deixei minha função, e eles não se importaram, sequer perceberam. Às vezes, precisamos desse tipo de atitude.

Muito concretamente, há duas razões pelas quais é extremamente importante dar prioridade à pregação.

1. *Se a pregação não for priorizada, as ovelhas podem deixar de comparecer* — fisicamente. Eu suspeito que nunca houve uma época menos comprometida com o conceito de igreja, com um corpo de doutrinas, do que essa. As ovelhas são propensas a se dispersar mais rápido do que nunca. O fato é que, se você não prega efetivamente, sempre há algum pregador na rua de baixo que, na opinião delas, prega melhor, e lá vão elas.

2. *Se a pregação não for priorizada, as ovelhas podem deixar de comparecer* — mentalmente. A nossa cultura está se tornando cada vez mais capaz de criar seu próprio contexto. Os dispositivos eletrônicos e as mídias sociais permitem que todos mantenham as pessoas e coisas que lhes interessam e excluam as demais. É um fato da pós-modernidade que as pessoas moldam sua própria realidade tomando, a cada momento, decisões de ligar e desligar, permitir e bloquear. Isso significa que toda vez que você prega, você tem cerca de dois minutos para convencer a geração atual de que o que você está prestes a dizer é relevante para eles e precisa ser ouvido.

A passagem da Escritura que vem à mente a esse respeito é Atos 6.2. O ponto em Atos 6 não é que as viúvas precisam de cuidados, ou que os diáconos precisam ser instalados, mas a prioridade da Palavra de Deus e a possibilidade muito real de que, assim como hoje, o acréscimo de outras coisas possa impedir a tarefa mais importante de pregar a Palavra. “*Não é razoável*”, disseram os Doze, “*negligenciar-mos o ministério da Palavra de Deus, a fim de servir às mesas*”. Não é que os apóstolos eram bons demais para a tarefa de servir. O Ministério é servir. Mas os Doze decidiram: “*Passaremos a eles essa tarefa e nos dedicaremos à oração e ao ministério da Palavra*” (6.3,4).

Tal é a natureza da nossa era e a urgência da boa pregação hoje em dia que penso que nem um só conselho local poderia dispensar a ajuda derivada de uma vigorosa discussão sobre esse ponto.

Os conselhos (ou o consistório¹ com os diáconos) fazem uma enorme quantidade de trabalho que precisa ser reavaliada em relação ao grau em que os ministros e até mesmo os presbíteros estão envolvidos. Os membros de conselhos, das grandes igrejas especialmente, precisam estar constantemente avaliando: o ministério da Palavra está sendo ameaçado e prejudicado porque o ministro está ocupado demais com coisas que outros podem fazer (assim como em Atos 6)? Os ministros realmente precisam estar envolvidos em questões relacionadas a edifícios, limites, orçamentos e outros? Isso seria um uso sábio do tempo e experiência deles? O fato é que essas coisas também tendem a ser questões muito controversas, e o ministro geralmente é considerado um estranho em relação à metade dessas questões, de qualquer maneira. Precisamos fazer a pergunta: qual será a perda se ele “não atuar” aqui? E nós realmente não temos a ganhar se essas energias forem usadas em outro lugar? E a justificativa para agir assim não é porque essas coisas não são suficientemente “espirituais”; elas certamente são, de acordo com as definições acima. Mas, é porque elas desorganizam a vida do ministro (e dos presbíteros) e prejudicam o que é central em relação a esses ofícios. Não me importo em admitir que alguns dos momentos mais difíceis dos meus anos de ministério foram momentos em que estivemos ocupados com questões controversas do conselho — as quais eu teria sido sábio se tivesse ficado de fora ou, pelo menos, me envolvido o mínimo possível. O consistório é uma questão diferente; ali, os presbíteros do rebanho estão ocupados e muito mais unidos enquanto lutam com as perguntas

no âmago do ministério da Palavra — como encorajar os membros e as famílias a simplesmente viverem à maneira de Deus e serem dirigidos ao louvor a Deus.

Logo, este foi o segundo conselho. Uma vez que você sabe quem você deve ser, *você precisa tentar manter o foco nas coisas que você, e somente você é dotado e treinado para fazer*. Perceba que há outros na congregação mais capazes e melhor habilitados para cuidar do lado operacional da administração de uma igreja, e algumas coisas simplesmente funcionam melhor se você não se envolve nelas. E, na medida em que você precisar estar envolvido, sua tarefa será realmente estar atento ao efeito que tais decisões podem ter sobre a maior questão de como essas coisas impactam as vidas espirituais das pessoas diante de Deus.

A Natureza da Pregação

Ver a tarefa da pregação no contexto da espiritualidade cristã também nos ajuda, creio eu, a enxergar a pregação corretamente. O povo de Deus precisa de muito mais do que mais “informação”. Eles precisam fazer muito mais do que baixar um conjunto de “informações” e ter seu pensamento reorganizado. Se isso fosse suficiente, então a filosofia do Iluminismo estaria correta e todos os que vivem em nossa era da informação deveriam estar bem. Em outro excelente livro, Paul Tripp afirma: “O fim último da Palavra de Deus não é informação teológica, mas transformação do coração e da vida” (*A Dangerous Calling: Confronting the Unique Challenges of Pastoral Ministry*, p. 51).³ “A maturidade bíblica nunca se rela-

ciona apenas ao que você conhece; está sempre relacionada à forma como a graça tem empregado o que você tem chegado a conhecer para transformar sua maneira de viver”. Ou, como diz Greg Dutcher: “Se conhecer a Bíblia e compreender a teologia fossem medidas confiáveis de discipulado, Satanás seria o mais formidável discípulo de todos os tempos. Afinal, seu conhecimento da Escritura é excepcional e ele tem observado o reino espiritual por um tempo bastante longo” (*Killing Calvinism: How to Destroy a Perfectly Good Theology from the Inside*, p. 25).

Eu suspeito que existe uma tendência entre os jovens pregadores de procurar pelos problemas. Trate todos os problemas, ensine a congregação sobre todos aqueles pontos, e o progresso será evidente. Com certeza isso pode ser útil em certa medida. Mas, a pregação tem a ver com o ministério do Espírito Santo, cujo trabalho é transformar corações e vidas. A pregação não deve ser apenas orientada aos problemas ou a determinado tópico. Trata-se realmente de uma proclamação de coração para coração sob o poder do Espírito Santo. Tenha o coração como alvo, e muito mais problemas do que você poderia tratar serão corrigidos. E a maneira de se conectar com o coração do seu público, suponho, é deixar claro que você está falando do fundo de seu coração sob a convicção do Espírito Santo. Tripp fala sobre suas muitas discussões com pastores, e quantos deles sofrem de amargura, são “desconfortáveis socialmente”, têm “relacionamentos desordenados ou disfuncionais em casa”, ou lutam contra “pecados secretos não confessados” (p.21). Certamente, a transformação precisa começar com o coração do

próprio pregador. Dutcher diria que talvez ele tenha gastado muito tempo e esforço tentando ser um teólogo, e energia insuficiente para simplesmente ser um discípulo. E, dessa forma, a única maneira de pastorear seria construir um muro exterior em torno de si mesmo e não comunicar qualquer fraqueza ou vulnerabilidade. As estátuas de mármore não se dão bem com a comunicação de coração para coração, não é?

Tripp diz em certa parte:

Acho que ficaríamos chocados se soubéssemos quantos pastores perderam a alegria — quantos de nós levantamos no início de cada semana e nos desgastamos, por nenhum outro motivo senão que não sabemos o que mais podemos fazer. Para quantos de nós o ministério já não é um ato de adoração? Quantos de nós estamos construindo um reino em nossos ministérios alheio ao Reino de Deus? Quantos de nós estamos carregando um fardo de dores e amargura em cada momento do ministério? Quantos de nós queremos escapar e simplesmente não sabemos como? (p. 37)

O púlpito não passa incólume pelas lutas pessoais do pastor. Em outro ponto, Tripp diz o contrário: Estou cada vez mais convencido de que o que dá ao ministério suas motivações, perseverança, humildade, alegria, ternura, paixão e graça é a vida devocional daquele que ocupa o ministério.... É a minha adoração que me permite levar os outros a adorarem. É o meu senso de necessidade que me leva a pastorear carinhosamente aqueles que necessitam de graça. É minha alegria na minha identidade em

Cristo que me leva a querer ajudar os outros a viver no centro do que significa estar “em Cristo”. De fato, uma das coisas que torna um sermão convincente é que o pregador está cultuando enquanto prossegue em seu próprio sermão (p. 34).⁴

Ainda que a pregação envolva necessariamente uma grande quantidade de autocontrole, os pastores não deveriam ter medo de revelar algo de si mesmos e de suas próprias vidas diante de Deus. Em outro excelente livro, John Piper afirma que descobriu por que os escritos do notável erudito F. F. Bruce são desnecessariamente secos. Em sua biografia, Bruce diz: “Eu não me preocupo em falar muito — especialmente em público — sobre as coisas mais significativas para mim”. Piper diz apropriadamente que ele próprio prefere o contrário: não se preocupar em falar sobre coisas pouco significativas para ele (“Brothers, we are NOT professionals” p. 145-6).⁵ Isso também faz com que o pastor fale com paixão sobre os assuntos que prega; e aqueles ao seu redor deveriam saber: quando a paixão desaparece, algo mais está errado...

Quando você pensa nisso percebe que esse entrelaçamento da vida pessoal e pública do pastor é algo com o qual Paulo frequentemente se ocupa quando escreve para o jovem Timóteo. Ele não limita observações sobre sua própria vida (1 Timóteo 1.12-16) enquanto exorta Timóteo tanto sobre sua vida pública quanto sobre sua vida privada — “exercite-se na piedade” (1 Timóteo 4.7), “atente bem para a sua própria vida e para a doutrina” (1 Timóteo 4.16), “Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão” (1 Timóteo 6.11). Eu tomei apenas

algumas citações de 1 Timóteo. Há muitas outras em 2 Timóteo e Tito.

Então, isso foi o terceiro, e talvez o quarto conselho. *Dê grande prioridade à Pregação da Palavra.* Além disso, para fazê-lo de uma maneira autêntica e genuína, *observe todos os aspectos de sua própria vida e caminhe diante da face de Deus, na sua família e na companhia do povo de Deus.* O Diretor Espiritual (CSO) da igreja deve saber o que é ser espiritual no sentido verdadeiro e profundo dessa palavra.

Estabeleça limites

Mas como, concretamente, conseguimos fazer tudo isso e mais?

Bem, uma coisa para aprender desde o início de uma vida de ministério é como estabelecer limites em sua vida. O ponto aqui é que o ministério, apesar de suas origens divinas e propósitos deleitáveis, pode ser um tipo de monstro, e se você o deixar livre, ele pode consumir você, sua esposa, sua família, seu tudo. Então você precisa de algumas maneiras de manter o monstro à distância.

Antes de tudo, ele está relacionado ao gerenciamento do tempo. Isso é tão absolutamente crucial, porque para pregar bem e para refletir adequadamente sobre a direção das vidas das pessoas sob sua responsabilidade, você precisa de tempo. O ministério não pode ser exercido com pressa. Você não pode estar correndo de lugar em lugar, de crise em crise durante toda a semana e esperar entregar dois sermões maravilhosos e motivadores no Domingo. É necessário tempo para encharcar-se nas Escrituras, para considerar sua mensagem e seu impacto em espírito de ora-

ção, e para determinar a melhor maneira de entregá-la. O tipo de pregação necessária hoje requer silêncio e isolamento, concentração e intensidade. A verdade é: não é realmente difícil gastar quarenta horas em dois sermões. Só porque esses homens estão recebendo esta noite o certificado de Mestre em Divindade não significa que os sermões simplesmente brotarão de dentro deles no momento apropriado, com frequência semanal. Não significa que não precisarão estudar. Desculpe, irmãos: seus estudos estão apenas começando. Tudo o que realmente fizemos foi ensinar-lhes como fazer. É por isso que, se o pastor e professor da congregação consegue pregar e ensinar bem, qualquer coisa a mais que ele faça deve realmente ser considerada um bônus. E uma congregação com fome de uma boa pregação deve permitir aos ministros o tempo e o espaço necessários.

Antes de tudo, ele está relacionado ao *gerenciamento do tempo*. Isso é tão absolutamente crucial, porque para pregar bem e para refletir adequadamente sobre a direção das vidas das pessoas sob sua responsabilidade, você precisa de tempo. O ministério não pode ser exercido com pressa. Você não pode estar correndo de lugar em lugar, de crise em crise durante toda a semana e esperar entregar dois sermões maravilhosos e motivadores no Domingo. É necessário tempo para encharcar-se nas Escrituras, para considerar sua mensagem e seu impacto em espírito de oração, e para determinar a melhor maneira de entregá-la. O tipo de pregação necessária hoje requer silêncio e isolamento, concentração e intensidade. A verdade é: não é realmente difícil gastar quarenta horas em dois sermões. Só porque esses homens estão recebendo esta

noite o certificado de Mestre em Divindade não significa que os sermões simplesmente brotarão de dentro deles no momento apropriado, com frequência semanal. Não significa que não precisarão estudar. Desculpe, irmãos: seus estudos estão apenas começando. Tudo o que realmente fizemos foi ensinar-lhes como fazer. É por isso que, se o pastor e professor da congregação consegue pregar e ensinar bem, qualquer coisa a mais que ele faça deve realmente ser considerada um bônus. E uma congregação com fome de uma boa pregação deve permitir aos ministros o tempo e o espaço necessários.

Ao mesmo tempo, é necessário impor limites de outras formas também. Todo ministro, especialmente em grandes igrejas, descobrirá que há mais encontros do que se possa estar presente, mais dores e feridas do que se possa socorrer. Se o ministro é o principal responsável por cuidar de todas as necessidades da congregação, ele possivelmente não conseguirá dedicar tempo e atenção suficientes à pregação da Palavra (Atos 6.3,4). Portanto, acredito que também seja crucial que o conselho e a congregação percebam que o principal responsável por todas as necessidades do ministério não deve ser o ministro. Devemos ensinar à congregação que a principal responsabilidade pelas questões pastorais que vêm à tona é realmente dos presbíteros, e não do ministro. Não são os presbíteros que precisam ajudar o ministro nos desafios do ministério pastoral, mas é o ministro que ajuda os presbíteros à medida que as necessidades surgem. Os presbíteros não são apenas aqueles que se sentam nas arquibancadas supervisionando a programação agitada de um ministro que consegue fazer vinte horas de visita além das

quarenta horas de preparação do sermão, e, então, passam a avaliar a pregação, imaginando por que ela não está tão boa quanto deveria. E eu, a propósito, não estou dizendo que os ministros devem deixar todo o trabalho pastoral para os presbíteros; como sua pregação se conectará com os ouvintes se eles fizerem isso? Mas, eu estou dizendo que a pregação deve necessariamente vir em primeiro lugar. Uma vez fiquei surpreso quando soube que disseram que eu fazia a maior parte do meu trabalho pastoral a partir do púlpito. No primeiro momento, fiquei bastante ofendido, porque achava que era bastante fiel naquela área, mas quando refleti melhor, percebi que deve ser assim mesmo — sem focar nos indivíduos, precisamos pregar as necessidades do povo de Deus e envolvê-los ativamente a partir do púlpito.

Isso significa gerenciamento de tempo, e isso significa que você não poderá ser a mariposa social que alguns querem que você seja. Como Eugene Peterson ressalta, em relação a isso: “O truque, é claro, é chegar à agenda antes que alguém o faça”. Ele diz:

A agenda de compromissos é a ferramenta através da qual você ficará desocupado. É um presente do Espírito Santo..., que fornece ao pastor os meios pelos quais possa ganhar tempo e obter horários para orar, pregar e ouvir. É mais eficiente que uma secretária de defesa; é menos dispendiosa que uma casa de repouso... Quando apelo para minha agenda de compromissos, fico além das críticas (p.31).

Se você diz: “minha agenda está cheia nessa manhã”, ninguém terá a coragem de di-

zer: “Com o quê?” Mas se você diz: “Eu estava planejando estudar nessa manhã”, alguém pode pensar e, talvez, até dizer: “Bem, você pode fazer isso outro dia”.

Da mesma forma, quando se trata de tempo em família, o verdadeiro truque, é claro, é escrever “tempo em família” antes que qualquer outra pessoa reivindique aquele horário. Talvez você precise entregar a agenda para sua esposa antes mesmo de começar a preenchê-la e de que outros comecem a exigir seus horários. Porque a verdade é a seguinte, e não posso declará-la de forma ainda mais enfática: Jamais acredite que você deve sacrificar sua família no altar do ministério. Se os presbíteros precisam administrar bem seus filhos e lares antes de se tornarem presbíteros (1 Timóteo 3.12), os ministros devem continuar gerindo bem suas famílias se quiserem continuar a ser uma bênção para o povo de Deus. *Não teremos igrejas fortes a menos que tenhamos ministérios fortes; mas, não teremos ministérios fortes a menos que tenhamos famílias fortes.*

Então, este foi o quinto conselho: *proteja a si mesmo e seu ministério, preservando seu tempo e sua energia.* E esse é, na verdade, o sexto, pois há algo antes: *proteja sua família e seja um exemplo também nesta área que é a mais frágil do nosso mundo.*

Reflexões Finais

Vou deixá-los com mais duas breves reflexões. Quais são as virtudes mais importantes nos ministros? Minha esposa seria rápida para escolher duas em particular.

Primeiro, irmãos, *sejam humildes.* Nas palavras de Tripp:

Você é muito amoroso, paciente, gentil e gracioso quando sabe que não há nenhuma verdade que você poderia dizer a outro de que você mesmo não precise desesperadamente. Você é mais humilde e gentil quando pensa que a pessoa a quem está ministrando é mais parecida com você do que diferente (p.23).

Como um pastor sênior me disse nos primeiros anos do meu ministério: “Quando você estiver prestes a usar um texto para pisar nos dedos de alguém, certifique-se de sentir a mesma pressão desse texto em seus próprios dedos”. A humildade também significará, a propósito, que você não entrará naquela nova congregação esperando virá-la de ponta cabeça com todas as mudanças que deseja fazer. Você é apenas um oficial entre muitos. Você precisa jogar em equipe. Isso requer humildade e conquista de confiança.

E, em segundo lugar, irmãos, sejam *apaixonados.* Há algo que é quase tão ruim quanto ser um herege. E isso é: ser aborrecido. Não seria heresia pensar que o evangelho é menos do que a mais emocionante mensagem já contada, a melhor mensagem já ouvida? A verdade é: “*Tanto a paixão como o aborrecimento são contagiosos: passam de professor para aluno*” (Kostenberger, p.117). Do púlpito ao banco. Tenho dito a nossos alunos: “*Se você tenciona pregar como um locutor de rádio, então por favor vá e torne-se um. Você está no lugar errado*”. Em todas as Escrituras, Deus é apaixonado e zeloso em relação ao evangelho. Ele nos dá uma mensagem, um chamado, que é digno de nossa paixão.

Isso é até mesmo nosso barômetro: quando perco minha paixão, preciso refletir sobre onde está minha própria dificuldade, onde meu coração está. Sem paixão, você é apenas uma cabeça falante, um gongo barulhento, um címbalo que retine (1 Coríntios 13).

Que o Deus de toda graça vos abençoe nisso e faça com que os anos ministeriais de vocês sejam anos de alegria.

Notas:

¹ A Editora Mundo Cristão lançou esse livro sob o seguinte título: “O pastor contemplativo: descobrindo o significado em meio ao ativismo”. [N. do E.]

² Igrejas locais são administradas pelo conselho da igreja ou consistório, formado pelo(s) pastor(es) e os presbíteros.

³ A Editora Cultura Cristã publicou esse livro sob o título: “Vocação Perigosa: Os Tremendos desafios do ministério pastoral”. [N. do E.]

⁴ Mais tarde, Tripp diz: “*Coisas ruins acontecem quando a maturidade é definida mais pelo que se sabe do que pelo que se é. O perigo está presente quando você adora as ideias mais do que o Deus a quem elas representam e as pessoas que elas estão destinadas a libertar*” (p. 42).

⁵ A Editora Vida Nova lançou esse livro sob o seguinte título: “Irmãos, nós não somos profissionais”. [N. do E.]

Tradução: André Lima.

Revisão: Arielle de Eça.

O DR. GERHARD H. VISSCHER é Professor do Novo Testamento no Canadian Reformed Theological Seminary.

O CONSELHO DA IGREJA E O APOIO FINANCEIRO AO MINISTRO DA PALAVRA

Jim Witteveen

“Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino. Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário” (1 Tm 5.17-18).

“Quem jamais vai à guerra à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? Porventura, falo isto co-mo homem ou não o diz também a lei? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi, quando pisa o trigo. Acaso, é com bois que Deus se preocupa? Ou é, seguramente, por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que pisa o trigo faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida” (1 Co 9.7-10).

Se você perguntar a um pastor quais são os assuntos mais difíceis a tratar na pre-

gação, é bem provável que ele responda: “as finanças.” Pergunte-lhe que aspecto desta é mais difícil de pregar, e ele provavelmente responderá: “as finanças do pastor.”

Há mais do que suficientes ladrões nos púlpitos de nosso país que se chamam pastores e que estão ficando ricos por pregarem sobre o dinheiro, e a necessidade de doar mais para enriquecer o “pas-tor.” Como pastores reformados, isso não é o que queremos ser. Nós não queremos ser vistos co-mo homens que estão no ministério simplesmente pelo dinheiro, nem como homens que procuram riquezas por meio da pregação das boas novas.

Mas também somos encarregados com a responsabilidade de pregar todo o conselho de Deus. 1 Timóteo 5.17-18 é uma parte desse “todo o conselho de Deus” e assim é 1 Coríntios 9.7-10. A obediência aos mandamentos de Deus inclui a obediência às passagens que ensinam a responsabilidade da igreja de cuidar aqueles que têm o privilégio de pregar o Evangelho.

Então, com esses fatos em mente, eu quero tratar esta questão: Como é que o conselho da igreja deve assegurar que o ministro do Evangelho seja adequadamente apoiado no seu trabalho?

A primeira coisa que o conselho da Igreja deve fazer é pensar antecipadamente. Seja proativo nesta área. Pense nos possíveis desafios financeiros que seu pastor pode enfrentar, especialmente aqueles desafios que estão diretamente relacionados ao seu trabalho. Um conselho proativo realizará duas coisas muito importantes:

Antes de tudo, isso evitará problemas antes de começarem. Se o seu pastor está lutando para pagar as suas contas devido à falta de apoio financeiro, isso aumentará o estresse do que já é uma posição estressante, e pode levar a problemas mais sérios, já que o pastor é forçado a lidar com preocupações financeiras bem como preocupações sobre o cuidado do rebanho que lhe foi confiado. Abordar questões de apoio financeiro antes de se tornarem problemas salvará a igreja de uma grande quantidade de mágoa potencial.

Em segundo lugar, salvará o pastor de ter que tomar o difícil passo de pedir apoio extra, ou de abordar os diáconos para fornecer o sustento que ele precisa. Os pastores fiéis entendem que ser pastor exige muito trabalho e auto-sacrifício. Eles entendem que muitos membros da igreja, incluindo muitos presbíteros e diáconos, vivem em constante pressão financeira. Eles não se tornaram pastores porque queriam enriquecer, ou porque queriam uma vida fácil e tranquila. E eles também não querem ser vistos dessa maneira.

Por isso, é difícil para a maioria dos pastores pedir ajuda financeira. Talvez eles se sintam culpados, como se eles estivessem falhando em manejar o seu dinheiro mais efetivamente. Eles sabem as realidades financeiras dos membros e dos oficiais. Eles não querem ser vistos como gananciosos. Eles não querem ser mal entendidos. E eles também sabem que eles são pecadores e que talvez eles nem sempre manejam as finanças perfeitamente. Eles são seres humanos, com todas as fraquezas e as falhas que todos nós temos.

Mas, com este entendimento devemos sentir-nos confortáveis o suficiente para falar sobre essas questões aberta e honestamente com nossos irmãos em Cristo; o fato é que muitas vezes a situação não é ideal. Uma das melhores maneiras que o conselho da igreja pode ajudar seu pastor é tornar desnecessário que ele tenha que pedir o apoio que precisa. Sob nenhuma circunstância o pastor deve ser forçado a ir aos diáconos para pedir o sustento necessário em uma situação normal. Ele não é forasteiro, ou viúva, ou órfão - ele é um pastor.

Muitas vezes, há despesas que surgem para o pastor que um membro comum da igreja não pode considerar, uma vez que estão fora da experiência pessoal dele. Essas despesas podem ser pequenas, quando tomadas uma de cada vez - mas pesam. Podemos pensar nas seguintes despesas:

1. Transporte. Carros são caros, como qualquer pessoa que tem um carro sabe. Essas despesas incluem não somente combustível, mas também despesas para manutenção e reparos, segurança, e habilitação. Se o pastor usa seu carro para visitar os membros, para partici-

par nas reuniões, etc., esse dinheiro não pode ser tomado do seu próprio bolso. Ele está indo a guerra; ele não pode fazer isso à sua própria custa. Podemos pensar em outras viagens também - quando o pastor precisa viajar de avião, talvez o conselho considere o custo das passagens aéreas. Mas há outras despesas também - a viagem ao aeroporto, estacionamento e transporte quando ele chega ao destino.

2. Visitas e hospitalidade. Uma das atividades importantes no ministério do pastor é a visita pastoral. O conselho precisa pensar: o pastor tem condições para convidar membros e convidados a sua casa para visitar? Ele tem condições para se reunir com membros solteiros (especialmente com mulheres) em um lugar público, como um café? Queremos que nossos pastores sejam ativos na visitação dos membros, e precisamos encorajar esta atividade na parte do pastor, possibilitando essas visitas financeiramente. De novo, essas despesas podem ser pequenas; mas se acumulam.

3. Livros e material de estudo. As ferramentas básicas do pastor são os livros que ele precisa para preparar sermões, estudos, artigos, e lições. A vida do pastor precisa ser uma vida de constante aprendizado. Não é suficiente para uma vida no ministério os quatro anos de estudos no seminário. Para permanecer efetivo no seu ministério, ele precisa continuar estudar; e livros, especialmente livros teológicos, não são baratos. Adicionalmente, existem outros recursos que são úteis para pastores, como revistas, jornais, e cursos, e ferramentas que ele precisa para produzir material para a congregação (impressora, papel, tinta, etc.). O conselho precisa encorajar o pastor a continuar os estudos ao longo do seu ministério, e

pode assegurar que não são as finanças que interferem com o crescimento do ministro.

Vivemos numa realidade financeira no nosso país que precisamos reconhecer, e precisamos trabalhar cientes da situação. Muitas igrejas reformadas são pequenas, e não têm condições para manter seus pastores num nível apropriado sem ajuda. Mas dentro das nossas condições, com os recursos disponíveis, precisamos lembrar:

1. Nossos pastores não são monges franciscanos. Eles não fizeram votos de pobreza antes de entrar o ministério. O trabalhador é digno do seu salário, e devemos não ignorar a renda dos nossos ministros. Se valorizamos o trabalho deles, precisamos mostrar isso no nosso sustento deles.

2. A pobreza não é mais “espiritual” do que a riqueza. Os dois estados têm seus próprios riscos, como Agur diz em Provérbios 30. Um homem pobre que serve como ministro da Palavra não é mais santo do que o aquele que tem condições suficientes para viver uma vida sem preocupações.

3. É a responsabilidade do conselho assegurar que as necessidades do pastor são fornecidas. Eles precisam não esperar o pedido do pastor, mas devem ter iniciativa em cuidar do ministro da Palavra.¹

Precisamos de pastores fiéis que possam focar no seu trabalho sem preocupação. Que Deus levante homens piedosos para alimentar e cuidar os rebanhos, e os meios necessários para sustentar estes homens na realização das suas tarefas!

Nota:

1 As igrejas reformadas têm nos seus regimentos um artigo referente ao sustento dos ministros da Palavra. O artigo diz (Artigo 9): “A igreja, representada pelo conselho, tem a obrigação de providenciar um sustento adequado para seu(s) ministro(s).” As igrejas presbiterianas também têm artigos em suas constituições, definindo de quem é a responsabilidade de definir o sustento de seus ministros da Palavra. Por exemplo, a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, diz (Artigo 35): “O sustento do pastor-efetivo e do pastor-auxiliar cabe

às Igrejas que fixarão os vencimentos, com aprovação do Presbitério; os pastores-evangelistas serão mantidos pelos Presbitérios; os missionários, pelas organizações responsáveis”. [N. do E.]

Revisão: Ester Santos

Pr. JIM WITTEVEEN é ministro da Palavra servindo como missionário da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá) em cooperação com as Igrejas Reformadas do Brasil.

COMO OS PASTORES PODEM LIDAR COM A CRÍTICA

James Visscher

Comentários Introdutórios

A maneira como os organizadores desta Conferência (Peter e Andrew) me convenceram a falar sobre esse assunto foi um tanto engraçada. Eles me disseram que, pelo fato de eu ser o pastor mais antigo em atividade na federação das Igrejas Reformadas Canadenses e ainda continuar vivo e trabalhando, eu deveria ter alguma sabedoria escondida ou secreta para partilhar com vocês em relação à sobrevivência no ministério pastoral.

Bem, eu não tenho nenhuma sabedoria secreta ou iluminação gnóstica para transmitir a vocês. Diria apenas que, afinal, tudo é graça e mais graça. O Senhor tem sido bondoso, misericordioso e perdoador para comigo e me permitiu servi-Lo por todos esses 36 anos maravilhosos e emocionantes. Quanto aos anos que ainda terei, não sei, mas Ele sabe e decide, e isso é bom o suficiente para mim.

Mesmo assim, preciso admitir que nesses anos tenho experimentado e apren-

dido algumas coisas em relação às críticas. Então, permitam-me compartilhar algumas com vocês.

Todos temos nossas histórias

Quando se trata do ministério pastoral e das críticas, todos temos nossas histórias. Deixem-me incomodar vocês com algumas das minhas. A primeira remonta a uma igreja que pastoreei, onde eu conheci um bom e velho homenzinho que tinha uma esposa muito resmungona. Ela estava sempre atrás dele por uma ou outra coisa. Como consequência, ele tentava fugir de casa o máximo possível. Ele também amava, como válvula de escape, se intrometer nos assuntos da igreja e defender várias causas e questões eclesiais.

Um dia, ele veio até mim com inúmeras reclamações sobre como a igreja estava sendo conduzida, e me disse de forma bastante clara que ele não era o único a pensar daquela forma. De fato, ele se via como representante de um grupo de pessoas insatisfeitas. “Oh,”

disse eu, “você está agindo como um *trouble shooter* (solucionador de problemas)”.

Péssimas palavras! Pois esse irmão não só era idoso e seu inglês enferrujado, mas também era um pouco surdo e chegou à conclusão, depois de sua saída, que eu o havia chamado de “*trouble maker*” (causador de problemas). Nem preciso dizer que fiquei em maus lençóis. Uma expressão infeliz da minha parte causou uma avalanche de críticas que levaram alguns a deixarem a igreja.

Outro exemplo do meu ministério me vem à mente. Havia uma certa mulher, membro em uma de nossas congregações, que estava me encarando com um olhar de reprovação a cada dia do Senhor. Eu sabia que algo estava acontecendo, então, relutantemente, marquei uma reunião com ela.

Forçosamente fui até a casa dela e, logo que me sentei, ela descarregou tudo sobre mim. Fui literalmente soterrado por 90 minutos. Todos os tipos de queixas e insinuações foram feitas. Muitas delas tinham a ver com coisas que haviam acontecido antes mesmo da minha chegada àquela igreja. Tentei pequenas réplicas aqui e ali, mas tudo em vão. Ela estava no modo pit bull e nada poderia detê-la. Então eu a ouvi e aguentei. Eu me tornei seu saco de pancadas verbal e o para-raios de seu descontentamento. Até hoje, não sei por que não debati com ela, senão que certamente o Espírito Santo me deu uma calma surpreendente.

Contudo, quando deixei a casa dela, me sentia como se tivesse sido atropelado por um rolo compressor. Fui para casa, e sabe o

que eu fiz? Eu olhei para a coluna “Procura-se Ajuda” do jornal. Quem precisa disso?

Agora, essas são apenas duas das minhas histórias, e há muitas outras. Algumas são curtas e outras longas. Algumas são bem engraçadas e outras muito tristes. Algumas causaram pequenos danos, e outras machucaram bastante - os holandeses têm uma expressão elegante, que às vezes resume as coisas: “*stank voor dank*”. Não se traduz muito bem para o Inglês, e fica algo como “*fedor ou mau cheiro de gratidão*”. Estou certo de que todos vocês podem entender isso e que cada um de nós que estamos no ministério há vários anos podemos até escrever um livro sobre isso.

O contexto mais amplo

Antes de nos voltarmos para um exame da crítica propriamente dita, pode ser de grande ajuda nos orientarmos citando uma série de coisas óbvias, mas às vezes esquecidas.

A primeira é que todos nós servimos a um **perfeito Senhor e Mestre**, Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele é o Deus-homem. Como homem, Ele está intimamente familiarizado com nossas vidas. Ele conhece suas alegrias e lutas, seus contratempos e conquistas, seus altos e baixos. Nada do que experimentamos é estranho para Ele. É ótimo saber que, enquanto fazemos o nosso trabalho, sempre podemos olhar para nosso solidário Redentor. Ao mesmo tempo, também é reconfortante saber que Ele é Deus, e que nEle reside toda a sabedoria, o poder e a misericórdia. Ele é capaz de compensar tudo o que nos falta e resolver a bagunça que fazemos.

Uma coisa em particular precisa ser observada em conexão com nosso Salvador e as críticas, e é o fato de que a perfeição não resultou em ausência ou redução de críticas para Ele. A verdade é que nosso Senhor provavelmente foi criticado mais do que qualquer outra pessoa que já tenha vivido. Sua popularidade foi bastante reduzida; enquanto que o caráter de seu assassinato foi longo, brutal e fatal. Parece que nem mesmo a perfeição nos isenta de críticas.

A segunda coisa que nós podemos ter a tendência de ignorar é que servimos um **povo imperfeito**. Ora, algumas igrejas afirmam ser compostas apenas de um povo santificado, ou de membros que estão perto da perfeição. Como eu amaria ser apresentado a tal igreja! A partir de minha própria experiência, de histórias que li e do que ouvi sobre a experiência de outros, de fato, a partir do meu estudo no Novo Testamento, sou forçado a concluir que tal igreja não existe aqui e agora. Sei e creio que um dia a igreja será perfeita, mas esse tempo ainda não chegou.

Por hora, os membros da igreja podem afirmar ser uma *“nova criação”*, para citar o apóstolo Paulo, mas muitas coisas más de sua velha criação ainda permanecem presas a eles. A santificação é um processo, e o processo ainda não está completo. Na verdade, eu diria até que, frequentemente, são as pessoas que afirmam ser as mais espirituais que, no final, ou em uma situação de crise, se mostram as menos espirituais. Como meu pai costumava dizer: *“Filho, cuidado com aquelas pessoas que afirmam ser super espirituais ou 150% reformadas!”*

Portanto, vocês e eu precisamos levar em consideração que servimos em um ambiente menos do que perfeito. Podemos chamar os membros da igreja de *“filhos da aliança”* ou de *“ovelhas”*, mas alguns são realmente lobos, outros são hipócritas e todos são fracos e vulneráveis. E, no entanto, todos eles precisam ser pastoreados de uma maneira ou de outra.

Mas, então, se as pessoas que servimos são imperfeitas, permitam-me acrescentar que nós, que servimos, também somos imperfeitos. As ovelhas são imperfeitas, **mas os pastores também são imperfeitos**. Nos últimos 20 anos do meu ministério, visitei um homem que passou a maior parte da vida na prisão. Ele passou um tempo fora da cadeia, em liberdade condicional, mas depois reincidiu. Seus crimes foram considerados tão graves que o governo do Canadá finalmente o classificou como um criminoso perigoso, o que significa que eles poderiam, então, mantê-lo em prisão perpétua. No ano passado, ele foi embora da prisão de segurança mínima em que estava e não tive notícias dele desde então.

Agora, por que falei sobre ele? Porque quando conheci esse homem e sua história, muitas vezes fui tomado pelo pensamento: *“Aqui estou, somente pela graça de Deus!”* Se eu tivesse sido criado como ele o foi criado, tivesse experimentado o que ele experimentou, tivesse sido abusado como ele foi abusado, quem sabe como eu teria acabado? No fundo eu sou tão vulnerável, fraco e suscetível quanto ele é ou era.

Então, irmãos, se vocês estão se elevando baseados em sua própria habilidade, invencibilidade, moralidade ou superioridade,

dade, é melhor descerem depressa. Com tal atitude, vocês não podem pastorear, muito menos sobreviver ao ministério. Nosso Deus nos convida a ter uma avaliação apropriada de nós mesmos e isso inclui humildade, modéstia, mansidão e uma dependência diária de Sua graça e perdão em Cristo.

Isso nos leva a outra verdade óbvia, que é o fato de que há alguém que explora tanto a imperfeição do povo de Deus quanto as nossas próprias imperfeições, e esse alguém é o **Diabo**. Eu acredito que, enquanto fazemos o nosso trabalho, muitas vezes nos esquecemos dele ou, se pensarmos sobre ele, damos a ele pouca atenção. Nós o descartamos com facilidade. E ele gosta disso! Isso combina muito bem com ele! Vá em frente e subestime o maior inimigo de Deus e de Seu povo! No entanto, ele está vivo e está ativo. Ele desenvolveu a especialidade de identificar nossas fraquezas, atacá-las e nos fazer tropeçar. Em suma, o que o apóstolo Paulo escreve em Efésios 6 sobre a guerra espiritual e sobre a nossa necessidade de estar equipado com a armadura certa, é algo tão relevante agora quanto naquela época. Busquem forças para o ministério “no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10).

Ah, e ao fazerem isso, nunca se esqueçam de outra coisa: o fato de ter recebido o **mais glorioso chamado do Senhor**. Como Paulo diz, em Cristo vocês estão sendo “*conduzidos em triunfo*” e é através de vocês que “*a fragrância do Seu conhecimento*” está sendo manifesta em todo lugar (2 Coríntios 2.14). A vocês foi dado “*o ministério da reconciliação*” e vocês são “*embaixadores de Cristo*” (2 Coríntios 5.18, 20). Não existe um chamado maior.

Mas, ao mesmo tempo, também não existe um chamado mais dependente do que esse. Novamente, é Paulo quem nos lembra que “*nós temos este tesouro em vasos de barro*” (2 Coríntios 4.7). Em e de nós mesmos, a quem algo tão valioso foi confiado, nada mais somos do que pessoas frágeis, falíveis e atrapalhadas. Todos os dias precisamos que outro Conselheiro nos sustente e nos capacite (veja João 16).

Olhando para a fonte da crítica

Temos de avançar, no entanto, das preliminares e pressupostos para o cerne da questão. Neste contexto, para começar, vamos dar atenção à fonte da crítica. Qual a sua origem?

À luz do que acabamos de observar, seria correto dizer que, em última análise, todas as críticas destrutivas e injustificadas provêm do diabo. Ele é “*um mentiroso e o pai da mentira*” (Jo 8.44), o que significa que toda falsidade, distorção, fofoca e calúnia provêm dele.

No entanto, o diabo não é o único que está no ataque. Ele engendra as coisas de tal maneira que a crítica vem de muitas fontes.

Na maioria das vezes, a crítica vem de **membros** da igreja que não estão felizes com o pastor por uma série de razões. Talvez eles se sintam ignorados, desprezados, incompreendidos ou injustamente atingidos pela pregação. Eles também podem sentir que os sermões de seu pastor não têm profundidade, substância ou aplicação. Eles podem ser da opinião de que os dons pastorais dele são deficientes em várias áreas. Eles podem discordar das posições dele em uma série de questões teológicas ou éticas. Eles podem não gostar

dele como pessoa. Em suma, grande parte das coisas ruins que ocorrem no ministério vem do banco da igreja.

Além disso, a crítica também pode vir dos **presbíteros**. Há uma certa regra geral que diz o seguinte: se a congregação está infeliz, os presbíteros também estão. E o que os presbíteros infelizes fazem? Eles implicam com a pregação e procuram falhas nela - reais ou imaginárias. Eles discordam sobre a maneira como o pastor faz ou não faz seu trabalho pastoral. Eles podem até começar a questionar sua personalidade, sinceridade e integridade.

Membros infelizes e presbíteros infelizes podem arruinar a vida de um ministro. E, se vocês os adicionarem à mistura, **colegas de ofício** infelizes podem arruinar suas vidas igualmente. Os conflitos locais na igreja nunca permanecem locais. Invariavelmente, o círculo se expande e ultrapassa os limites da igreja local. Os círculos familiares mais amplos são afetados. Igrejas vizinhas e pastores também são afetados. O Classis¹ se envolve, bem como os visitantes eclesiais.²

Também deve ser dito que, no fim, até mesmo o apoio dos colegas de ofício frequentemente não são suficientes para resgatar um pastor angustiado. Ao longo dos anos, estive envolvido em inúmeras missões de resgate, mas, em geral, não conseguimos resolver os problemas e restaurar a relação do pastor com a congregação. De fato, houve vezes em que a crítica dos colegas só adicionou mais carga.

Finalmente, mais uma fonte de críticas que um pastor pode ter que lidar tem a ver com sua **esposa e família**. Evidentemente,

essa crítica pode ser de um tipo diferente. Na maioria das vezes, ela tem relação com a negligência. Uma esposa pode se queixar: *“Por que meu marido está sempre longe, e por que, quando ele está em casa, sua mente está em outro lugar?”* As crianças também podem se queixar e dizer: *“Por que os pais dos meus amigos aparecem nos jogos de hóquei e basquete, e o meu nunca aparece? Por que eu sempre tenho que ficar em segundo plano na congregação?”*

O que isso mostra é que a crítica no ministério pode vir de muitos lugares diferentes e ser sobre muitas coisas diferentes. Ela percorre desde o seu trabalho oficial na igreja até a sua vida pessoal em casa.

Tipos de crítica

Assim como as fontes de crítica diferem, também os tipos de crítica que recebemos podem variar. A maior parte dela é **verbal**. É como aquela senhora fez comigo. Esse tipo de crítica vem daquele homem ou daquela mulher que sente a necessidade de dizer tudo o que pensa e, em seguida, passa a te agredir verbalmente.

Em relação a isso, eu não fico mais surpreso, mas muitas vezes fico chocado com o que as pessoas dizem umas às outras, especialmente com o que as pessoas ditas cristãs dizem umas às outras e sobre as outras. Elas podem ter ouvido o resumo da lei sobre *“amar seu próximo como a ti mesmo”* milhares de vezes, mas elas ainda não entendem.

Tudo isso se torna ainda pior pela maneira como algumas dessas pessoas podem falar com e sobre seu pastor, um dos servos

ordenados de Deus. Algumas dessas coisas ocorrem até mesmo em público. O culto mal termina e um membro já vai direto ao ministro para admoestá-lo em voz alta. Às vezes, um membro pode fazer isso utilizando a linguagem mais escandalosa possível. Enquanto isso, os membros estão atordoados e chocados. Eles não sabem como reagir ou o que fazer. Contudo, às vezes eles fazem. Uma vez, um colega estava recebendo uma surra verbal espetacular no saguão da igreja após o culto, porque um certo membro do sexo masculino não concordou com o seu sermão. Enquanto ele prosseguia com sua repreensão ao ministro, uma senhora que ainda tinha juízo se pôs entre o pastor e o protestador, estendeu a mão para o pastor e disse alto e claro para todos ouvirem: *“Obrigada pelo excelente sermão”*. Que pessoas assim aumentem em número!

Para parafrasear e reformular as palavras de Hal Lindsey, mais que qualquer pessoa, *“a crítica verbal está viva e muito bem, e ativa na igreja”*.³ Às vezes, até prospera ali.

Mas, se há críticas verbais, há também o tipo **não-verbal**. Anteriormente, mencionei a senhora que ficava me encarando furiosa. Isso já aconteceu com vocês? Pessoas que sentam-se nos bancos e vocês percebem prontamente, a partir da atitude, postura e expressões delas, que não estão felizes com vocês. Elas podem não dizer uma palavra a vocês, mas vocês percebem que estão em apuros a partir da linguagem corporal delas.

Como lidar com elas? Primeiro, vocês devem deixá-las sofrer por um tempo. Não permitam que membros descontentes controlem vocês com seu olhar fixo ou penetrante.

Depois, examinem-se para saber o que pode estar causando a inquietação delas e, então, preparem-se para serem atacados. Em terceiro lugar, organizem uma hora para verem-nas e estejam preparados para estar do lado receptor. Em quarto lugar, orem ao Senhor para acalmar seus nervos e intervir nesta situação.

Mas, se há críticas verbais e não verbais, também há críticas **escritas**. Alguns membros se especializam em escrever cartas para o conselho. Também há membros que descobriram a alegria do e-mail e têm como passatempo pinicar o pastor com mensagens eletrônicas.

Como lidar com cartas e e-mails? Se cartas sobre o ministro são enviadas ao conselho, o conselho deve investigar se o escritor das cartas e o ministro se encontraram e tentaram resolver suas diferenças. Um conselho não deve deixar que um escritor de cartas se livre da responsabilidade de estabelecer contato pessoal, permitindo que tal pessoa alegue que não precisa seguir esses passos porque o conselho tem jurisdição sobre o ofício do ministro. Os presbíteros fazem bem em trazer à luz as palavras de nosso Senhor, em Mateus 18, diante de todos os que pensam que as cartas podem ser uma maneira de evitar encontros pessoais.

Depois, há também a questão dos e-mails. Os pastores e conselhos serão sábios ao insistir que este meio seja evitado quando se trata de lidar com críticas e resolver disputas. Não há dúvida de que as pessoas geralmente são muito mais ousadas e desdenhosas no que dizem por trás de seus teclados, do que em uma situação cara a cara. Não de-

vemos permitir que ninguém use a internet como uma proteção para a covardia.

Áreas de Crítica

Tendo analisado o contexto, a fonte e os tipos de crítica, vamos nos voltar às áreas de crítica. Que tipo de críticas são mais frequentemente dirigidas aos pastores?

A primeira área em que a crítica muitas vezes surge tem a ver com a doutrina. O falecido reverendo H. Scholte foi meu professor de história e regimento da igreja no seminário, e ele costumava dar aos jovens seminaristas muitos conselhos paternais. Um desses conselhos foi relativo à congregação. Ele disse, *“Rapazes, lembrem-se sempre de que as congregações reformadas têm antenas reformadas (‘Gereformeerde voelhoorns’). Talvez não possam dizer-lhe exatamente o que esteja errado com o sermão de um pastor, mas elas podem certamente dizer-lhe quando algo não está certo”*. Simplesmente, elas podem sentir quando os sermões de um pregador são suspeitos ou duvidosos. Elas pressentem quando o pastor não está correto e fiel às doutrinas relacionadas à igreja, aliança, batismo, justificação e uma série de outros tópicos. Isso significa que é perigoso subestimar sua congregação e o poder de seu radar teológico.

A segunda área em que a crítica muitas vezes surge é na questão da **competência**. Em outras palavras, os sermões de um pastor podem ser tais, que os membros comecem a questionar se ele realmente pode fazer com que a mensagem seja compreendida. Talvez eles considerem seus sermões

muito superficiais, suas aplicações quase inexistentes ou até mesmo inapropriadas. Eles também podem considerar que a estrutura geral de seu sermão carece de clareza e lógica. Resumindo, eles se perguntam se ele realmente tem o que é preciso para ser um pregador eficaz.

A terceira área que frequentemente atrai a crítica tem a ver com a **personalidade**. Uma congregação costuma ser rápida para detectar se um pastor é indiferente, distante, exigente, frouxo, indeciso, arrogante, preguiçoso, teimoso ou materialista.

de nós provavelmente não mora ao lado da igreja, nem no coração e no centro da comunidade local, mas precisamos estar cientes de que ainda somos um tema de conversa acalorada. A cada um dos dias do Senhor, os membros da igreja têm um motivo para reagir a vocês e aos seus sermões. Podem ser bons ou ruins ou indiferentes, mas vocês podem ter certeza de que as pessoas estarão ocupadas com vocês. Algumas casas servem pastor assado no almoço.

Além disso, percebam também que, como vocês são pastores deles, eles se identificam com vocês. Mas, também há algo mais profundo acontecendo, pois eles querem se identificar com vocês de forma positiva. Eles querem respeitar e estimar vocês. Quando isso não acontece por uma razão ou outra, surge um sentimento de decepção, mas muitas vezes há mais coisas. Eles se sentem decepcionados e traídos. Quando isso acontecer - estejam alertas! O amor e a estima podem logo dar lugar ao desprezo e ao escárnio.

O pastor e a crítica

Então, até agora, falei muito pouco sobre a natureza das críticas que recebemos, por isso, voltemos a atenção para as coisas que muitas vezes nos colocam em conflito com nossos colegas.

A primeira coisa que eu poderia apontar é a **pregação pobre**. Quer reconheçamos ou não, o coração e a alma de um pastoraço bem-sucedido baseiam-se na explicação e aplicação fiéis, claras e eficazes da Palavra de Deus. Você pode ser o pastor mais legal do mundo e isso o levará longe, mas, a certa altura, a boa vontade tende a acabar e a recepção tende a azedar. Os verdadeiros crentes querem se alimentar semanalmente e quando você não é mais capaz de alimentá-los, o descontentamento surge e a frustração se instala. Isso leva ao estabelecimento de um ambiente que permite que as críticas surjam e floresçam.

O segundo fomentador de críticas tem a ver com um **fracasso ou uma incapacidade de amar as ovelhas**. Conheci homens que eram bons pregadores da Palavra, mas a relação entre eles e suas ovelhas nunca se desenvolveu e solidificou. As ovelhas reconheciam que tal homem sabia como lidar com o texto bíblico, mas sentiam que seu coração não era verdadeiramente aberto a elas ou sensível às suas necessidades e encargos. Ou sentiam que o pastor estava sempre pregando diante delas, mas nunca para elas. Elas queriam alguém que pudessem admirar, em quem pudessem confiar e acreditar, de quem pudessem se aproximar. Elas queriam um pastor que realmente se preocupasse e pudesse se relacionar com elas.

A terceira coisa que frequentemente faz os pastores serem criticados é uma **incapacidade de ouvir**. Não é à toa que Provérbios seja conhecido por seu refrão, “Filho meu, ouve”. O autor quer chamar a atenção de seus filhos ao fato de que escutar é uma habilidade vital. O mesmo vale para um pastor. Se tudo o que ele pode fazer é servir o alimento, então ele é fundamentalmente falho. Vocês e eu precisamos ouvir, ouvir bem, ouvir muito e ouvir profundamente. Devemos levar a sério o que os membros estão dizendo, refletir e orar sobre isso. Não podemos ignorar. Se o fizermos, será por nossa conta em risco.

A quarta coisa que os pastores precisam atentar é como eles *lidam com o dinheiro e as coisas materiais*. Alguns de vocês já ouviram minha história de quando entrei no ministério, e outros de vocês não. Deixe-me contar novamente. Isso foi por volta de 1972, e entre os chamados que recebi, foi aquele em que me ofereceram U\$ 4.500,00 para ser pastor. Quando cuidadosamente perguntei sobre essa quantia bastante baixa, os presbíteros me disseram que eu também serviria a outra congregação próxima dali em tempo parcial, e que isso resultaria em um pagamento razoável. Tudo bem, pensei. Mas, enquanto visitava os membros da congregação, também me disseram repetidamente que essa outra congregação logo morreria e que, então, eu só precisaria me preocupar com uma igreja.

Bem, isso poderia ter sido ótimo para eles, mas não seria algo bom para mim. Eu precisava do salário menor da outra congregação para complementar o pagamento maior da congregação que havia feito o chamado. Se ela desaparecesse, minha esposa e eu preci-

sariamos recorrer aos diáconos. Por isso, perguntei educadamente aos presbíteros se, caso a outra congregação desaparecesse, eles concordariam em rever o salário. Eles disseram “sim!” Que alívio, mas, ainda assim, eu acabei declinando.

Só que esse não foi o fim da história. Pois, algum tempo depois, uma alma viva espalhou a notícia de que o motivo pelo qual eu havia declinado era porque eu estava ávido por dinheiro. Quando soube disso, resolvi fazer uma coisa: ficar longe de problemas financeiros. Há mais de 30 anos, sempre que os presbíteros e os diáconos revisam minha remuneração, digo a eles: “*Vocês decidem!*” e saio da sala. E eles têm decidido de forma generosa e boa.

A moral da história é que, se vocês forem mal remunerados ou se tiverem problemas com a casa pastoral, procedam com cuidado. Uma vez que vocês obtenham a reputação de serem ávidos por dinheiro ou de serem muito exigentes, vocês terão dificuldades de abandoná-la.

A última coisa que quero mencionar como um problema no ministério é o **mau julgamento**. Isso pode estar conectado a uma série de fatores. Deixem-me citar alguns deles: se as manchetes dos jornais de sábado estiverem sempre em seus sermões dominicais, a congregação de vocês irá rapidamente concluir que vocês estão deixando o sermão para última hora e não estão levando seu dever a sério. Se vocês são vistos com muita frequência no campo de golfe local, eles em breve irão chegar à conclusão de que vocês estão mais preocupados com aquela pequena bola branca do que com a ovelha negra da congregação. Se

vocês fazem uso de sermões antigos e esquecem de mudar suas ilustrações incomuns ou de manter o seu papel amarelado e envelhecido escondido, vocês estão cortejando comentários negativos. Se vocês tendem a dominar a conversa nas reuniões do conselho ou nas visitas pastorais, tenham cuidado com as reações negativas. Se vocês não prestam atenção adequada às necessidades da congregação, em breve será espalhado um boato de que o pastoreio realmente não é para vocês. Se vocês sempre insistem em fazer as coisas do seu próprio jeito, um dia estarão caminhando pela estrada que leva para fora da cidade. Se vocês se alinham com um determinado segmento na congregação porque eles gostam de vocês ou os elogiam, não se surpreendam quando o resto se voltar e morder vocês.

Como lidar com a crítica

Ora, tudo o que foi dito acima foi, de certa forma, introdutório, pois ainda precisamos chegar ao cerne da questão de “como lidar com a crítica?” Então, como se faz isso? Várias coisas vêm à tona aqui.

Oração

A primeira coisa é a oração. Tenho certeza de que isso não surpreende vocês. Sempre que forem criticados, vocês precisam fechar a porta, entrar no quarto e clamar ao Senhor. Coloquem tudo diante Dele. Peçam-lhe para avaliá-los. Supliquem a Ele que lhes ensine a ponderar e avaliar adequadamente.

Na minha época como seminarista, fui pregar em Ontário e um dos poucos sermões no meu repertório era um de Miquéias

6- “O que o Senhor exige de você? Agir com justiça e amar a misericórdia e andar humildemente com seu Deus” (v. 8). Andar humildemente em oração e dependência diária é básico para um ministério saudável e abençoado.

Se há algo que me manteve sensato em todos esses anos de ministério, é a convicção de que, em última instância, eu tenho apenas um chefe a quem respondo em oração. Talvez isso soe grosseiro, mas há momentos em que alguns membros querem que vocês façam “isso”, alguns presbíteros querem que vocês façam “aquilo” e outros têm uma opinião ou agenda diferente. O que vocês fazem? Para onde vocês se voltam? Vocês se voltam para o Senhor e perguntam a Ele. Clamam a Ele por luz e a sabedoria.

Invariavelmente, Ele mostrará o caminho. Ele lembrará vocês do ponto principal. Ele deixará vocês saberem o que Ele pensa.

E, uma vez que vocês souberem o caminho, sigam-no. Vocês precisam ser capazes de viver com sua consciência. Vocês precisam ser capazes de fazer o trabalho de vocês com a confiança de que, se o Senhor lhes perguntar o motivo de terem feito o que fizeram, vocês possam se justificar com tranquilidade, tendo a firme convicção de que a resposta de vocês está de acordo com Sua santa vontade.

Autoexame

O assunto do autoexame está intimamente relacionado com a oração. A este respeito, é sempre útil recorrer a passagens

das Escrituras, como o Êxodo 20, que lida com os Dez Mandamentos, Gálatas 5, que lida com o fruto do Espírito, e Filipenses 4, que lida com “tudo” - “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo” e assim por diante.

Além disso, também é útil rever as qualificações mencionadas em Timóteo e Tito para os ofícios de presbítero e diácono. Perguntem a si mesmos se vocês estão de acordo com elas.

Em suma, um honesto, franco, e até mesmo cruel autoexame é essencial para a eficiência de um ministério. Vocês precisam conhecer as suas forças e fraquezas pessoais, e então precisam pedir a Deus para mantê-los humildes apesar de suas forças, e também pedir a Deus que trabalhe em vocês e com vocês para que suas fraquezas possam ser transformadas em força.

E sejam específicos. Se a paciência é um problema, peçam a Ele que a forneça. Se a preguiça é um problema, peçam a Ele que a corrija. Se a arrogância é um problema, peçam a Ele que a remova. Se falta capacidade organizacional, peçam a Ele que a conceda.

Consulta

Outra maneira básica de lidar com a crítica é seguir a rota da consulta. Todos sabemos o que Provérbios fala sobre o benefício de se ter muitos conselheiros. Bem, apliquem isso.

Mencionei anteriormente aquela senhora que descarregou tudo sobre mim. O

que eu fiz naquele caso? Primeiro, tratei minhas feridas da melhor forma possível. Então, orei por ela e por mim. Em seguida, fui para casa e contei à minha esposa.

Se vocês têm esposas sábias, valorizem-nas. Elas provarão ser um dos maiores presentes de Deus para vocês. Ora, eu acredito que tenho uma esposa realmente sábia. Ela considera as coisas como elas são. Ela também não está cega às minhas falhas. Ela sempre me dará uma resposta verdadeira e equilibrada. Na verdade, se vocês me perguntarem onde, além de Deus, está a chave para o sucesso na casa pastoral, eu diria que esta é uma chave realmente valorosa. Por isso, converso frequentemente com minha esposa buscando conselhos.

Mas, não falo apenas com ela. Também falo frequentemente com os presbíteros. Se e quando alguém descarrega sobre mim, estraga meu dia e me deixa em pedaços, eu vou até os presbíteros e coloco tudo perante eles e, então, peço seus honestos e destemidos comentários. Eu estava errado? Eu tive culpa? O que eu deveria ter feito? Invariavelmente, eles me deram conselhos verdadeiros e sábios, e também louvo ao Senhor por eles.

Humor

Agora isso me leva a outro ingrediente importante, se não incomum, que é o humor. Vocês sabem como rir? Como rir da vida? Como rir apesar dos contratemplos e desapontamentos da vida? Vocês também sabem como rir de si mesmos?

Sempre que encontro um seminarista que não tem senso de humor ou que não

consegue rir, que é sempre sério e fechado, então sei que estou vendo um problema.

Passei os anos 1972 até 1978 em Alberta, e foram bons anos. Também foram anos muito difíceis e desafiadores. Se não havia problemas em Edmonton, então havia problemas em Neerlandia, e vice-versa. De qualquer forma, em meio a todos esses problemas e tensões, uma coisa que sempre poderíamos fazer como colegas era nos reunir e rir. Ah, e no caso de vocês estarem se perguntando, nós não ríamos apenas dos outros, provavelmente ríamos muito mais de nós mesmos e de nossas gafes e erros. Sim, nós ríamos muito de nós mesmos e isso nos manteve de pé. De certa forma, sinto falta daqueles dias miseráveis e cheios de riso.

Por isso, exorto vocês a cultivarem um senso de humor. Quem disse que “o riso é o melhor remédio” acertou em cheio!

Pausa

Isso me leva a mais uma coisa, que é a pausa ou tempo de descanso. Aqui está algo que eu prego, mas também estou consciente de que não pratico o suficiente. Quando as pressões e os problemas aumentam, e especialmente quando vocês se sentem atingindo o ponto de ebulição, é bom dar uma pausa.

Esta é uma das coisas que nunca fizemos o suficiente no passado, e que os pastores ainda não fazem suficientemente hoje em dia, que é dar uma boa olhada em sua situação degradante, e depois fazer uma caminhada. A melhor maneira de lidar com um monte de críticas é simplesmente sair

da situação por um tempo. Peçam aos seus presbíteros um tempo de descanso e relaxamento. Esse tempo tirará vocês de cena, reavivará o espírito de vocês, dará a vocês um novo grau de objetividade, restaurará a energia de vocês e trará vocês de volta com nova e revigorada determinação.

Para concluir

Bem, minha história foi longa o suficiente e já é hora de encerrá-la. Para concluir, eu também exortaria vocês a continuarem lendo as cartas de Paulo. Por que Paulo? Porque ele nos fornece uma ampla prova de que, quando se trata de dinâmicas e demandas congregacionais, não há nada novo debaixo do sol. Ele também nos lembra que a crítica no ministério não é novidade. Se o Senhor Jesus foi a pessoa mais criticada que já viveu e ainda vive, o apóstolo Paulo não está muito atrás dEle. Assim como seu Mestre, ele também recebeu sua cota de críticas.

Entretanto, no fim, ele prevaleceu porque o Deus dele e nosso Deus é fiel. É minha esperança e oração que também possamos prevalecer e prosperar na preciosa obra de Deus. Apesar de nossos defeitos e das críticas, que Ele possa sustentar a todos nós diariamente e nos usar como instrumentos efetivos em Seu serviço.

Notas:

1 - A palavra “classis” (plural classes) vem do latim e indica uma divisão, ou, classe de pessoas; ou, de outros objetos. No governo eclesiástico reformado continental essa palavra foi escolhida para designar uma das assembleias maiores. O “classis”

é a assembleia maior equivalente aos antigos concílios regionais das IRB ou aos concílios particulares de igrejas reformadas na Holanda. Sem levar em consideração a natureza permanente e hierarquia dos concílios presbiterianos, o presbitério seria o equivalente ao classis. [N. do E.]

2 - O sistema de governo reformado tem o recurso da “visitação eclesiástica” (Regimento das Igrejas Reformadas do Brasil, Artigo 37). Anualmente, um concílio autoriza dois oficiais dos mais experientes e capacitados, para fazerem visitas eclesiásticas em todas as congregações que constituem esse concílio. Estes oficiais podem ser dois ministros da Palavra; ou, um ministro e um presbítero. Os visitantes não têm autoridade sobre as igrejas a serem visitadas, mas, o objetivo da visita eclesiástica “é contribuir, com bons conselhos, para a paz, a edificação e o bem-estar das igrejas de Cristo”. Para cumprir esse objetivo, os visitantes têm o dever de “perguntarem se tudo está sendo feito conforme a Palavra de Deus, se os oficiais, juntos e cada um individualmente, cumprem fielmente os seus deveres, se mantêm o regimento das igrejas de maneira apropriada e se promovem a edificação da congregação com seus conselhos e atos, da melhor maneira possível. Os visitantes eclesiásticos também devem admoestar os oficiais que forem negligentes em algum respeito. Um relatório por escrito de cada visita será entregue ao próximo concílio”. [N. do E.]

3 - O autor se refere ao livro de Hal Lindsey cujo título é: “Satanás está vivo e ativo sobre o planeta Terra”. [N. do E.]

O DR. JAMES VISSCHER é ministro da Palavra das Igrejas Reformadas Canadenses (Emeritus).

Tradução: André Lima

Revisão: Arielle Pedrosa

A PREGAÇÃO CATEQUÉTICA PARTE 2

Dr. Niek H. Gootjes

Anteriormente, tentei apresentar algum pano de fundo histórico para a tradição da pregação catequética.¹ O objetivo dessa seção histórica foi mostrar que a pregação catequética não é um costume isolado. Com frequência, ela é vista como limitada a uma pequena parcela das igrejas da Reforma, e a um período de tempo muito reduzido. A história nos ensina, no entanto, que esse tipo particular de pregação é mais antigo do que a Reforma e que foi bastante difundido nas igrejas Reformadas. A pregação catequética não é uma excentricidade.

Devemos afirmar mais do que isso, entretanto. A história, por si só, nunca pode justificar uma prática. Eu gostaria de discutir, nesta segunda parte, a questão mais importante: se a pregação do catecismo pode justificar sua existência diante da Escritura. Muitas objeções foram feitas contra esse tipo de pregação. Lidarei com três importantes objeções e finalizarei com uma observação mais geral.

Pregando a partir de um texto humano

A objeção mais importante tem a ver com o fato de que os catecismos são documentos humanos. Isso não significaria que pregar sobre catecismo é pregar a partir de um texto humano? Pregando sobre uma seção do catecismo não seria uma contradição em termos? Pois todos nós concordamos que uma boa pregação é, por definição, a exposição da Palavra de Deus. Dr. Martyn Lloyd-Jones formulou essa objeção de uma maneira honesta e não ofensiva:

A função de um catecismo, penso, em última análise, não é fornecer material para pregação; é salvaguardar a veracidade da pregação e salvaguardar as interpretações das pessoas ao lerem suas Bíblias. Uma vez que essa é a principal função dos credos e catecismos, é certamente errado pregar constantemente, ano após ano, sobre o catecismo em vez de pregar a Palavra diretamente a partir da própria Escritura, com a Escritura sempre aberta e com as mentes das pessoas voltadas para ela, e não para o que os homens entendem dela.²

A crítica é baseada na convicção de que pregar é pregar a Palavra de Deus. Essa convicção fez Lloyd-Jones rejeitar a pregação catequética, pois seria como pregar sobre o entendimento humano da Palavra, em vez de pregar sobre um texto da Palavra.

O interessante é que os defensores da pregação catequética têm exatamente o mesmo ponto de partida, todavia, não chegam à conclusão de que a pregação catequética é impossível. Dr. T. Hoekstra, que escreveu um texto de referência holandês sobre homilética, define a pregação como a explicação e aplicação da Palavra de Deus revelada na Sagrada Escritura.³ Contudo, Hoekstra não acredita que a pregação catequética seja inapropriada. Seu livro sobre pregação contém um capítulo dedicado à pregação catequética, em que ele diz:

Na pregação catequética, o Senhor vem ao seu povo e revela os mistérios da sua aliança de graça para a sua congregação. Portanto, a pregação catequética é a ministração da Palavra. A rigor, não se trata de pregar a partir do catecismo, mas a partir da Palavra.⁴

Os defensores da pregação catequética sustentam que a Palavra de Deus também é pregada nesses sermões.

Usando basicamente a mesma definição de pregação, esses teólogos chegam a uma conclusão radicalmente diferente sobre a justificação bíblica da pregação catequética. Por isso, não podemos decidir facilmente todo o assunto com base em uma definição. Temos que nos aprofundar e perguntar: Qual é o caráter de um credo ou confissão? Qual a sua relação com a Escritura?

Vamos começar a responder essa questão olhando para um dos credos: O Credo Apostólico. Esse credo não foi tirado integralmente de uma parte da Escritura. Não há passagem no Antigo nem no Novo Testamento onde esse credo esteja dado *in extenso*. Porém, isso não quer dizer que ele seja antibíblico. O seu conteúdo é extraído da Escritura. As revelações dadas em diferentes lugares da Escritura, foram coletadas e reunidas de maneira organizada. A estrutura do Credo Apostólico é trinitariana, baseada no mandamento batismal de Mateus 28.19. E o conteúdo da revelação de Deus é resumido como o Deus Triúno e a sua obra. O Credo Apostólico apresenta a doutrina da Escritura, um resumo sistemático da verdade bíblica.

O mesmo pode ser dito sobre as confissões posteriores e mais extensas do período da Reforma. Elas, igualmente, fornecem um resumo do conteúdo bíblico. Eis um exemplo: tornou-se importante, durante os grandes esforços do século XVI, definir as bases da nossa fé em Deus. Muitas Confissões Reformadas organizaram e resumiram a revelação que a Escritura traz sobre si mesma. O resumo em si não pode ser encontrado na Escritura, entretanto, essas confissões inserem linhas da Escritura nas suas formulações e provam sua doutrina com referências anexadas aos artigos.

A questão que devemos responder com relação à pregação catequética é: qual é o caráter dessa doutrina, desse resumo apresentado no catecismo? Não há dúvida de que a formulação da doutrina é feita por homens. Mas, o que dizer sobre a doutrina em si? A doutrina está presente na Escritura ou é feita por homens?

Um teólogo reformado como Charles Hodge entende as doutrinas como produto humano. A Escritura contém fatos isolados. Esses fatos não podem ser reunidos aleatoriamente. As relações entre eles estão nos fatos, entretanto, devemos fazer as conexões. Porém, isto não significa que a doutrina seja de menor valor, de acordo com Hodge. Na verdade, a doutrina está num nível mais elevado do que a Escritura:

Obtém-se, assim, um tipo de conhecimento muito mais elevado do que o mero acúmulo de fatos isolados... Não podemos saber o que Deus revelou em Sua Palavra, a menos que entendamos, pelo menos até certo ponto, a relação de interposição entre as verdades isoladas nela contidas. A Igreja precisou de séculos de estudo e controvérsias para resolver o problema concernente à Pessoa de Cristo; isto é, para ajustar e harmonizar todos os fatos que a Bíblia ensina a respeito desse assunto.⁵

Uma opinião parecida pode ser encontrada em A. Kuyper, quando descreve a teologia como:

A ciência que tem o conhecimento revelado de Deus como objeto da sua investigação, e o eleva ao entendimento.⁶

Kuyper, que sempre conseguia encontrar paralelismos interessantes, compara o conhecimento revelado de Deus com o minério, que precisa ser derretido para tornar-se ouro brilhante, ou com grãos, que precisam ser transformados em pão antes de serem comidos.⁶

Tanto Hodge quanto Kuyper falam sobre teologia e não sobre credos. Porém, a visão

deles têm implicações para os credos. Se isso for verdade, então o catecismo, resumindo a doutrina da Escritura, seria um “*tipo mais elevado de conhecimento*”, mas esse conhecimento vai além da revelação da Escritura. Porque a Escritura dá apenas fatos nus.

É nesse ponto que devemos discordar desses teólogos.⁷ A Bíblia não revela apenas fatos nus. Ela não dá grãos que ainda precisam ser transformados em pão comestível. A própria Bíblia fornece compreensão sobre o significado dos fatos. As relações entre as verdades da Escritura são indicadas na própria Escritura. Pegando emprestada a expressão de Hodge: o “*conhecimento mais elevado*” está presente na Palavra de Deus. Ou usando o exemplo de Kuyper: a Palavra de Deus na Escritura é o pão da vida.

Ofereço alguns exemplos com relação ao Credo Apostólico:

- Mateus 28.19 em diante: relaciona a Trindade com o batismo e com a obrigação de guardar os mandamentos de Cristo.
- Efésios 1.3-14: fala sobre as diversas maneiras em que a Trindade está envolvida em nossa salvação.
- Gênesis 17.1: revela que a onipotência de Deus não é apenas um fato, mas é de enorme importância na vida de Abraão (e de cada crente). Tudo o que Abraão deve fazer é andar em retidão diante de Deus, porque Deus é poderoso para cuidar de sua vida.
- Gênesis 1: fala sobre a obra de criação de Deus, e de como Deus determinou o lugar do ser humano na criação (v. 26).

Ou, alguns exemplos com relação à doutrina da Escritura:

- 2 Timóteo 3.16: relaciona a inspiração da Escritura com a importância do Antigo Testamento para ensinar, repreender, etc. O objetivo também é indicado: a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.
- 2 Pedro 1.20 em diante: revela que a origem divina da Escritura é importante para a sua interpretação.
- Salmo 19.7: não apenas menciona o fato de que a lei do Senhor é perfeita, mas declara também a função desta lei perfeita: ela restaura a alma.

E assim poderíamos continuar, mas fica claro, por hora, que a Escritura não é uma coleção de ideias soltas, que nós ainda devemos juntar. As relações entre as doutrinas estão dadas na Escritura. A igreja fez apenas duas coisas ao elaborar os credos. Ela, primeiro, reuniu revelações que estão espalhadas pela Escritura. E, em segundo lugar, expressou, com frequência, essas verdades em suas próprias palavras. Entretanto, ela não construiu a doutrina, apenas leu a doutrina da forma como ela é apresentada na Escritura. Os credos e confissões reúnem e formulam as doutrinas que estão presentes na própria Escritura. A doutrina não é um conhecimento mais elevado da revelação (Hodge) ou o produto final do que é dado na Escritura de forma bruta (Kuyper), mas a estrutura básica da revelação múltipla de Deus.

Neste ponto, devemos decidir se pregar o catecismo é possível em princípio. Se

o catecismo é uma sistematização humana de elementos disformes na Escritura, então a pregação catequética é impossível. Porém, o catecismo formula uma doutrina que está presente nas Escrituras. Por isso, é possível pregar o catecismo. Certamente, o texto do catecismo não é infalível, mas as verdades expressas ali ainda são as da Escritura, não da teologia. A pregação catequética é a pregação da Palavra de Deus.

Na verdade, a pregação catequética é uma boa forma de se fazer justiça ao que o apóstolo Paulo chama: todo desígnio de Deus. Quando despediu-se dos presbíteros de Éfeso, Paulo disse: *“jamais deixei de vos anunciar todo desígnio de Deus”* (Atos 20.27). Esse desígnio ou plano⁸ pode ser identificado com o que Paulo chama, no mesmo discurso, de evangelho da graça de Deus (v. 24) e de pregação do reino (v. 25). Quando Paulo chama o evangelho de *“desígnio”* ou *“plano”*, isso prova que a obra salvadora de Deus não é um improviso, mas está de acordo com Seu plano e Sua vontade divina. Paulo, neste contexto, enfatiza particularmente a palavra *“todo”*: ele anunciou todo o desígnio de Deus. Não negligenciou nenhuma parte da obra salvadora de Deus em sua pregação.

Portanto, Paulo não poderia ser culpado, quando um ouvinte fosse condenado e punido por Deus, pois ele não entregou uma versão reduzida do evangelho.

Essa expressão de Paulo, ao meu ver, tem sido usada corretamente como uma regra para a pregação. Nenhuma parte de todo o plano de Deus para salvar os pecadores pode ser negligenciada na pregação. Porém, é mui-

to fácil negligenciar alguma parte do plano completo de Deus. Quando um ministro escolhe um texto que já domina ou sobre o qual já tem uma ideia, ele pode facilmente ser parcial em sua escolha. Quando um ministro tem as necessidades da congregação em vista, ele pode escolher textos pensando no que a congregação precisa e, novamente, ser parcial. O catecismo, concentrando-se na estrutura doutrinária da revelação de Deus, é como um mapa do conteúdo da Escritura. Assim, o catecismo ajuda a congregação a compreender o conteúdo central da revelação de Deus. Ajuda igualmente o ministro, pois pode impedir a parcialidade em sua pregação. Assim como a contínua pregação textual é benéfica para manter a pregação catequética revigorada, a contínua pregação catequética é benéfica para manter a pregação textual equilibrada.

Duas objeções práticas

A principal questão já foi respondida: a pregação catequética não pode ser rejeitada pela razão de que somente a Escritura deveria ser pregada. No entanto, existem outras objeções contra a pregação catequética. Nesta seção, gostaria de discutir duas objeções que partem da afirmação de que a pregação catequética não é viável por razões práticas.

Ocasionalmente, imagina-se que a pregação catequética não é prática, por definição. As doutrinas são pregadas, todavia, estão separadas da vida real. A pregação catequética não tem aplicação na vida dos ouvintes.⁹

Pregar de tal maneira que os ouvintes entendam as implicações da Palavra de Deus em suas vidas é sempre um dos maiores desa-

fios para o pregador. A pregação deve ser direcionada às pessoas em suas circunstâncias. Deve tocar o coração dos ouvintes para que compreendam o significado da mensagem para si mesmos e saibam o que devem fazer com ela. Este é, contudo, um aspecto geral da pregação. A exigência de que o sermão se aplique aos ouvintes não se limita à pregação do catecismo, é um requisito para toda a pregação. Quando um ministro prega um texto específico, ele enfrenta a mesma exigência. Os pregadores, de tempos em tempos, falham em demonstrar a relevância do sermão para os ouvintes. Contudo, isso não significa que é em geral impossível aplicar o texto à vida das pessoas.

Seria, portanto, impossível, por definição, pregar o catecismo de tal maneira que se destacasse a importância da doutrina na vida cotidiana? Todos que conhecem o Catecismo de Heidelberg dirão: Não. Isso está relacionado com a forma como a doutrina é explicada. No Catecismo de Heidelberg a aplicação é dada na explicação da doutrina.

O Catecismo de Heidelberg estabelece o tom na sua famosa primeira pergunta e resposta: *“Qual é o seu único consolo na vida e na morte? Que não pertença a mim mesmo, mas pertença de corpo e alma, tanto na vida quanto na morte, ao meu fiel Salvador Jesus Cristo...”* Isso é muito pessoal e muito aplicável. Isso me diz que eu não serei abandonado. Não preciso encarar a vida e a morte sozinho. Jesus Cristo comprou-me com Seu sangue. Ele cuida de mim.

Quando o catecismo discute, em seguida, o que eu preciso saber, não recebemos uma

tabela de conteúdos pronta. Primeiro, preciso saber como são grandes meus pecados e miséria; segundo, como sou liberto de todos os meus pecados e miséria; terceiro, como devo ser grato a Deus por uma tal libertação. Isso determina o modo como a doutrina é explicada. Em todas as respostas subsequentes, o catecismo discute como estou pessoalmente envolvido.

Para dar mais um exemplo, tomemos a doutrina da Trindade. Que o nosso Deus é três pessoas é uma realidade, um fato, mas isso tem significado em nossas vidas? O catecismo fala sobre a Trindade em conexão com o Credo Apostólico. Ele confessa a veracidade da Trindade com base na revelação: *“Por que é que você fala em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo; visto que só existe um único Deus? Porque o próprio Deus se revelou de tal maneira em Sua Palavra que essas três Pessoas distintas são o único, verdadeiro e eterno Deus”*. Entretanto, já antes disso, o catecismo mostrou a relevância das três pessoas para nós: Deus o Pai e a nossa criação, Deus o Filho e a nossa redenção, Deus o Espírito Santo e a nossa santificação (Dia do Senhor 8). Deus é o Deus triúno envolvido em nossas vidas.

Devido ao caráter prático do Catecismo de Heidelberg, é fácil pregar a doutrina de forma diretamente relevante para os ouvintes. Muitos ministros iniciantes têm experimentado que é mais fácil fazer aplicação no sermão catequético do que no sermão textual.

É preciso admitir que o tom do Breve Catecismo de Westminster é diferente. Isso pode ser uma boa razão para a objeção relatada acima, de que a pregação da doutrina seria

irrelevante. O Breve Catecismo não aproxima a doutrina falando de você e de mim; seu objetivo é fornecer uma explicação cristalina da doutrina. O homem é geralmente referido na terceira pessoa. Considere, por exemplo, a famosa primeira pergunta e resposta.¹⁰ *“Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”*. Aqui, entretanto, a aplicação não está distante. Se o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-Lo, então eu tenho que glorificar a Deus e gozá-Lo. Também somos ajudados quanto a isso, porque a segunda pergunta e resposta, por exceção, nos direciona: *“Que regra deu Deus para nos dirigir na maneira de o glorificar e gozar? A Palavra de Deus, que se acha nas Escrituras do Velho e do Novo Testamentos, é a única regra para nos dirigir na maneira de o glorificar e gozar”*. Levando isso em consideração, um sermão direcionado aos ouvintes pode ser facilmente preparado com base nessa doutrina.

Será mais difícil, para ser honesto, em outros casos. Vejamos, por exemplo, a doutrina da Trindade (Pergunta e Resposta 6): *“Quantas pessoas há na Divindade? Há três pessoas na Divindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e estas três são um Deus, da mesma substância, iguais em poder e glória”*. O catecismo não oferece nenhuma indicação por que essa doutrina é importante. No entanto, o que se pressupõe, também dos Catecismos de Westminster, é que essas verdades confessadas são importantes para a vida dos crentes. Mais ainda, há razão para lembrar a congregação não apenas do fato, mas também da relevância dessas doutrinas. As explicações mais antigas do Breve Catecismo de Westminster já demonstravam a importância da prática dessas verdades confessadas.¹¹

Por isso, por definição, não se pode sustentar que a pregação catequética não tem aplicação.

A segunda objeção prática contra a pregação catequética é que ela é repetitiva. O Catecismo de Heidelberg foi, após ter sido completado, dividido em 52 Dias do Senhor, com o propósito expresso de ser pregado nos 52 domingos do ano. O catecismo de Calvino foi dividido em 55 Dias do Senhor. A menos que o ano em Genebra fosse mais longo, isso significa que a pregação do catecismo se estenderia por mais de treze meses. Atualmente, as igrejas que preservam a pregação catequética são de certa forma mais livres,¹² mas eu acredito que, na maioria das congregações, a pregação catequética completa um ciclo em um ano e meio. Essa repetição não seria sufocante? A maioria dos ouvintes já a escutou repetidas vezes.

A primeira resposta a essa objeção, é que aqueles que fizeram a regulamentação da pregação catequética consideraram a repetição um benefício, não um prejuízo. Eles viram a necessidade de se repetir a doutrina diversas vezes para que os membros da igreja a conhecessem profundamente. E quando pensamos sobre isso, temos que concordar. O catecismo lida com o resumo da doutrina de Deus e de Suas grandes obras na história: criação, promessa de redenção, obra da salvação de Cristo, santificação, e renovação de todas as coisas. Esses assuntos devem ser repetidos, uma vez que são os princípios centrais da fé cristã.¹³

É de senso comum que uma compreensão firme das coisas tende a desaparecer na fal-

ta de uma constante repetição. É possível que você tenha aprendido na escola todos os cinquenta estados dos Estados Unidos, contudo, a menos que esse conhecimento seja renovado, com o passar do tempo, ele ficará vago. Imagine – e não é um exemplo imaginário, coisas assim acontecem – que alguém que tem um amigo em Los Angeles peça a alguém que está indo a Nova York que entregue uma encomenda ao seu amigo. Ou, ainda pior, alguém que vai para Índia, seja solicitado a entregar algo na Indonésia. A menos que o conhecimento adquirido na aula de geografia esteja fresco na memória, as coisas ficarão confusas.

Isso não deveria acontecer com o conhecimento de Deus. Quando oramos a Ele, devemos saber quem Ele é. Quando O louvamos, devemos saber o que Ele fez por nós. Quando pedimos algo a Ele, devemos saber o que Ele nos promete. Vivemos diante dEle diariamente e, por isso, temos que conhecer Sua vontade. Para viver com Deus, precisamos constantemente ser lembrados da Sua revelação.

As questões de fé precisam ser repetidas. Paulo diz isso em Filipenses 3.1: *“Quanto ao mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor. A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas”*. Paulo havia ensinado essas coisas antes. Mas ele sabe quão facilmente elas são esquecidas, encobertas pelas muitas coisas que acontecem diariamente. Ele, portanto, coloca essas verdades por escrito para que a congregação possa voltar a elas. (Veja também Filipenses 3.18).

Da mesma forma, o conteúdo básico das Escrituras deve ser repetido para que não o percamos de vista. A pregação catequética é

um meio importante de manter o conhecimento básico das poderosas obras de Deus atualizado. Temos que viver em Cristo, *“enraizado e fortalecendo-se nEle e confirmados na fé, bem como nos ensinou”* (Colossenses 2.7).

Pregando um tópico

Como uma observação final, gostaria de chamar atenção ao fato de que os ministros frequentemente sentem a necessidade de pregar sobre um tópico. Eu não ficaria surpreso se alguns ministros pregassem um tipo de sermão catequético em particular de vez em quando. Eu já ouvi esse tipo de sermão, mas deixe-me oferecer um exemplo que não ouvi. Um ministro percebe, em um certo momento, que sua congregação precisa de mais instruções sobre o batismo. Então, ele decide tomar Mateus 28.19 como seu texto. Em seu sermão, ele explica todos os lugares do Novo Testamento onde a palavra *“batismo”* aparece. Ele trata sucessivamente com: 1. O batismo de João Batista, 2. O batismo instituído por Jesus Cristo, e 3. O batismo com o Espírito Santo.

Obviamente, isso não é um exemplo de um sermão textual. O texto em Mateus 28.19 pode ser oficialmente o texto, mas serve somente como ocasião para o sermão. Isso pode ser facilmente observado. Nesse texto, a relação entre a Trindade e o batismo é central, mas essa relação não funciona no sermão. O sermão usa apenas a palavra *“batismo”* do texto. Na verdade, o sermão se parece com um sermão baseado na seção do catecismo sobre batismo. Entretanto, também não se trata de um sermão catequético.

Duas diferenças podem ser observadas. Em primeiro lugar, essa abordagem confunde palavras com conceitos. Dá-se a impressão de que o ensino bíblico referente ao sacramento do batismo pode ser recebido pela coleta de todos os textos em que a palavra *“batismo”* é usada. Pode ser facilmente demonstrado, no entanto, que isso não está correto. Para que se possa compreender o ensino bíblico sobre o sacramento do batismo, o precursor do batismo (a circuncisão) deve ser considerado. Tendo em vista que o material foi coletado em torno da palavra *“batismo”*, esses textos não conseguem cumprir uma função. O *“método da palavra”* deixa de lado muitos textos que deveriam ser levados em consideração. Por outro lado, demasiados textos são incluídos. Os dois textos que mencionam o batismo com o Espírito contêm a palavra *“batismo”*, porém não falam sobre o sacramento do batismo. Um sermão *“baseado na palavra”* é, por um lado, inclusivo demais, por outro lado, limitado demais.

O segundo problema com esse tipo de pregação é que ele negligencia o que a igreja aprendeu sobre as doutrinas durante muitos séculos. A igreja tem pregado e ensinado o batismo por séculos ao longo dos quais tem aprendido a evitar armadilhas e expressões falaciosas. A igreja tem sido exposta ao ensino herético e o tem rejeitado conscientemente, com base nas Escrituras. Tudo isso é negligenciado e o ministro começa tudo novamente por conta própria, como se ainda vivêssemos no final do primeiro século. Quando se prega um tópico, é melhor usar a sabedoria que a Igreja acumulou através de séculos de ensino. Em outras palavras, quando se prega um tópico, é melhor fazê-lo de acordo com o catecismo.

De fato, em minha opinião, a pregação textual estrita e a pregação catequética formam uma combinação ideal. A pregação textual ensina o significado específico de um texto específico. Ela é tão variada quanto a Escritura. Pode-se destacar um detalhe da obra de Deus que aconteceu há milhares de anos ou um aspecto da Lei de Deus. A pregação em textos oferece uma variedade caleidoscópica. É sempre nova e surpreendente. Além disso, necessidades específicas podem ser facilmente resolvidas por meio da escolha de textos específicos.

A congregação, no entanto, não deveria perder de vista os grandes temas, a estrutura basilar das Escrituras. Isso impede a parcialidade involuntária e fornece resistência contra os falsos ensinamentos e as vaidades do nosso próprio tempo. A fé da congregação precisa de uma espinha dorsal. Isso é fornecido pelo catecismo.

A pregação catequética, então, é uma boa maneira da congregação permanecer obedecendo “*de coração à forma de doutrina a que fostes entregues*” - Romanos 6.17.

Notas:

1 A primeira parte deste artigo se encontra na Revista Diakonia, Edição nº 4: <http://revistadiakonia.org/edicoes-2018/>. [N. do E.]

2 D. Martyn Lloyd-Jones, *Pregação e Pregadores* (Grand Rapids: Zondervan, 1972) pp. 187f. A Editora FIEL publicou uma versão deste livro em Português. Nesta versão, a citação feita pelo Dr. Gootjes está nas p. 135,136. [N. do E.]

3 T. Hoekstra, *Homilética Reformada* (Wageningen: Zomer & Keuning, n.d.) p. 157; veja também na p. 160: A administração da Palavra na con-

gregação dos crentes é a explicação e aplicação da Palavra de Deus.

4 T. Hoekstra, *Homilética Reformada*, p. 371. Veja também em C. Trimp, *O sermão, uma história prática sobre a elaboração e manutenção dos sermões* (3. ed.; Kampen: Van den Berg, 1996) p. 9.

5 Ch. Hodge, *Teologia Sistemática* (London and Edinburgh: Thomas Nelson and sons, 1883) vol. 1, pp. 1-17, a citação na p. 2. Hodge fala aqui sobre a tarefa da Teologia (Sistemática), porém, da sua referência à Cristologia, parece que ele entende que os credos estão no mesmo nível (elevado). A Editora Hagnos publicou uma versão dessa obra em Português.

6 A. Kuyper, *Princípios da Teologia Sagrada* (tr. J.H. De Vries; repr. Grand Rapids: Baker, 1980) p. 299.

7 A. Kuyper, *Princípios da Teologia Sagrada*, p. 296; 597f; veja também na p. 567 e na p. 570.

8 Veja a crítica sobre Hodge, J.M. Frame, *A Doutrina do Conhecimento de Deus* (Grand Rapids: Baker, 1987) pp. 77ff. Eu particularmente concordo com a crítica de Frame, de que as verdades da Escritura não são fatos brutos sem a interpretação. Em vez disso, a Bíblia descreve e interpreta seus próprios fatos. Veja a crítica sobre A. Kuyper: J. Douma, “Enciclopédia” em J. Douma, ed., *Orientação em Teologia* (2. ed.; Barneveld: Vuurbaak, 1987) p. 19.

9 A palavra é “boule”, usada em Atos para uma decisão ou plano humano (Atos 5.38, 27.12, 42), e para o plano de Deus em relação a Davi (At 13.36). A palavra é usada três vezes para o plano de Deus a respeito de Jesus Cristo (Atos 2.23, 4.28 e 20.28). Os dois primeiros textos têm uma extensão mais limitada; enfatizam que a morte de Cristo é conforme o plano de Deus. O terceiro texto fala do plano abrangente de Deus.

10 Veja a segunda objeção à pregação catequética no artigo do D. Macleod, “Pregação e Teo-

logia Sistemática: Além disso, as confissões e catecismos apresentam a doutrina abstraída de seu contexto existencial - a situação de vida das Escrituras - e, portanto, obscurecem sua relevância prática ou nos tenta a não aplicá-la de modo algum”, em S.T. Logan, Jr. O pregador e a pregação.- Revivendo a Arte no século XX (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1986) p. 269.

11 Veja o artigo de B.B. Warfield, “A Primeira Pergunta do Breve Catecismo de Westminster” em Assembléia de Westminster e Sua Obra (Repr. Grand Rapids: Baker, 1981) pp. 379ff.

12 Veja, por exemplo, a monumental explicação em dois volumes de Th. Boston, Comentário sobre o Breve Catecismo (repr. Edmonton: Still Waters Revival Books, 1993). Veja sobre a Trindade: vol. 1, pp. 142ff, com breves indicações para aplicação no final.

13 A Ordem da Igreja do Sínodo de Dort 1618/19 assumiu a regulamentação anterior, de que os ministros, em todos os lugares, em concordância com a regra, deveriam explicar brevemente o resumo da doutrina cristã contida no Catecismo de Heidelberg no culto vespertino “para que possa ser concluído anualmente”, veja o texto em Th. L. Hai-

tjema, “A pregação como pregação catequética”, p. 291. O Sínodo de Utrecht em 1905 permitiu mais liberdade adicionando: “tanto quanto possível” (pode ser concluído anualmente), veja Job. Jansen, Breve explicação da organização da igreja (Kampen: Kok, 1923) p. 296. Veja também W. W. J. Van Oene, Com Consentimento Comum: Um guia prático para o uso da Ordem da Igreja das igrejas reformadas canadenses. (Winnipeg: Premier, 1990) pp. 247f. A pregação do catecismo foi designada para o culto vespertino porque tradicionalmente o elemento de ensino era mais proeminente nesse culto.

14 Veja em E. G. van Teylingen, “O Catecismo no sermão” em L. Coenen (ed.) Para o Catecismo de Heidelberg (Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1963) pp. 192-194.

O **DR. NIEK H. GOOTJES** é ministro da Palavra das Igrejas Reformadas Canadenses (Emeritus). Ele serviu como Professor de Dogmatologia no Theological College das Canadian Reformed Churches.

Tradução: Morgana Mendonça dos Santos.
Revisão: Arielle de Eça.

R E V I S T A
D I A K O N I A

"SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR."



INSTITUTO
JOÃO CALVINO



*Toda semana publicamos novos artigos em revistadiakonia.org.
Visite o site, inscreva-se em nosso Informativo e receba notificações sobre
novas publicações.*